



Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Educação – FE

Juliana Rodrigues Silveira

**A IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO
ENSINO INFANTIL**

Brasília

2019

Juliana Rodrigues Silveira

A IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO ENSINO INFANTIL

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação como requisito parcial à obtenção do título de Graduação do Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília.

Orientadora: Profa. Dra. Paula Gomes de Oliveira.

Brasília

2019

Monografia de autoria de Juliana Rodrigues Silveira, intitulada “A importância da prática de contação de histórias no Ensino Infantil” e apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia pela Universidade de Brasília, em 00/00/2019, defendida e aprovada pela banca examinadora abaixo assinalada:

Professora Dra. Paula Gomes de Oliveira – Orientadora
Faculdade de Educação, Universidade de Brasília

Professora Dra. Solange Alves de Oliveira-Mendes – Examinadora
Faculdade de Educação, Universidade de Brasília

Professora Dra. Andréia Mello Lacé – Examinadora
Faculdade de Educação, Universidade de Brasília

Professora Dra. Ireuda da Costa Mourão – Suplente
Faculdade de Educação, Universidade de Brasília

Dedico esse trabalho primeiramente a Deus, meus pais, irmã e a todos que me deram apoio durante esta minha trajetória acadêmica.

RESUMO

O presente trabalho tem como problema central de pesquisa compreender de que maneira a contação de histórias pode contribuir na aprendizagem da criança. Dada essa problemática, o objetivo geral será analisar a importância da contação de histórias como recurso lúdico e didático. Entre os objetivos específicos estão: investigar como essa prática pode ser inserida no cotidiano escolar, mais precisamente na Educação Infantil; identificar quais seriam as principais técnicas utilizadas para a contação de histórias; e por fim, refletir a respeito de como a contação pode ser um instrumento facilitador para a alfabetização. Para a realização dessa pesquisa de caráter qualitativo, foram feitas análises documentais em fontes primárias e secundárias, além de uma observação participante. O referencial teórico apoiou-se nos estudos de livros e artigos acadêmicos acerca da temática, em especial nas obras de Soares (2004) e Matos (2014). As observações foram realizadas no período de outubro de 2019, em cinco turmas do Ensino Infantil de uma escola pública situada no Plano Piloto da cidade de Brasília, Distrito Federal. As mesmas tiveram como sujeitos estudantes entre 4 e 5 anos e as professoras regentes. Após a análise das atividades acompanhadas, foi possível perceber como a contação auxilia os alunos na compreensão de temas relacionados ao cotidiano, na capacidade interpretativa e na comunicação.

Palavras-chave: contação de histórias; educação infantil; alfabetização.

ABSTRACT

The present work has as its central research problem to understand how storytelling can contribute to the child's learning. Given this problem, the general objective will be to analyze the importance of storytelling as a ludic and didactic resource. Among the specific objectives are: to investigate how this practice can be inserted in the school routine, more precisely in kindergarten; identify what would be the main techniques used for storytelling; and finally, to reflect on how storytelling can be a facilitating tool for literacy. In order to carry out this qualitative research, documentary analyzes were made in primary and secondary sources, as well as a participant observation. The theoretical referential was based in the study of books and academic articles on the theme, especially in the works of Soares (2004) and Matos (2014). The observations were made in October 2019, in five classes of kindergarten of a public school located in the Plano Piloto in the city of Brasilia, Federal District. They had as subjects students between 4 and 5 years old and the lead teachers. After analyzing the activities, it was possible to notice how the storytelling helps the students in the comprehension of themes related to daily life, interpretative capacity and communication.

Key-words: storytelling; kindergarten; literacy

SUMÁRIO

MEMORIAL	09
INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 A IMPORTÂNCIA DA ORALIDADE	12
1.1. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.....	12
1.2. Base Nacional Comum Curricular da Educação Infantil	15
1.3. Oralidade na Educação Infantil	18
CAPÍTULO 2 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS.....	21
2.1. A importância da prática de contação de histórias.....	22
2.2. As técnicas utilizadas nas contações de histórias	28
2.3. A contação de histórias como instrumento facilitador para a alfabetização	29
CAPÍTULO 3 METODOLOGIA	32
3.1. Projeto Político Pedagógico da Escola	32
3.2. O espaço da biblioteca	37
3.3. As turmas observadas	39
CAPÍTULO 4 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES	41
CAPÍTULO 5 REFLEXÃO ACERCA DAS ATIVIDADES	61
CAPÍTULO 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
PERSPECTIVAS PARA O FUTURO	72
REFERÊNCIAS.....	73

LISTA DE FIGURAS

FOTO 1 – ESPAÇO DA BIBLIOTECA	39
FOTO 2 – ESTANTE DE LIVROS DA BIBLIOTECA	39
FOTO 3 – CORREDOR DAS SALAS DE AULA DO ENSINO INFANTIL	40
FOTO 4 – TRECHO DO LIVRO “ADIVINHE SE PUDER”	43
FOTO 5 – COLAGEM NA PAREDE DO QUADRO COM O ALFABETO	44
FOTO 6 – COLAGEM NA PARDE DO QUADRO COM AS VOGAIS E SÍLABAS.....	44
FOTO 7 – CESTA DE LIVROS DA SALA LARANJA.....	45
FOTO 8 – CAPA DO LIVRO DE ILUSTRAÇÕES	45
FOTO 9 – ILUSTRAÇÃO FEITA POR UMA DAS CRIANÇAS.....	46
FOTO 10 – CAPA DO LIVRO “LEO E A BALEIA”	46
FOTO 11 – ESBOÇO DO DESENHO DA BALEIA.....	47
FOTO 12 – COLAGEM E PINTURA FEITA POR UMA DAS CRIANÇAS	48
FOTO 13 – CAPA DO LIVRO “OS TRÊS PALITOS”	48
FOTO 14 – TRECHO DO LIVRO “OS TRÊS PALITOS”	49
FOTO 15 – COLAGEM FEITA POR UMA DAS CRIANÇAS.....	49
FOTO 16 – CAPA DO LIVRO “NÃO É SUA, É MINHA”	50
FOTO 17 - CANTINHO DE LEITURA DA SALA AMARELA	50
FOTO 18 – TÍTULO DA HISTÓRIA ESCRITO NO QUADRO	52
FOTO 19 – EXEMPLO DE UMA ATIVIDADE REALIZADA	52
FOTO 20 – LIVRO LIDO PELAS ALUNAS DO PROJETO “LIVROS ABERTOS”	53
FOTO 21 – CAPA DO LIVRO “BRINCADEIRA DE ARCO-ÍRIS”	53
FOTO 22 – TRECHO DO LIVRO “BRINCADEIRA DE ARCO-ÍRIS”	55
FOTO 23 – CAPA DO LIVRO “COMO PEGAR UMA ESTRELA”	56
FOTO 24 – ILUSTRAÇÃO FEITA POR UMA DAS CRIANÇAS.....	57
FOTO 25 – CAPA DO LIVRO “SAPO COMILÃO”	57
FOTO 26 – FIGURAS CONTENDO SEUS RESPECTIVOS NOMES.....	58
FOTO 27 – FIGURINOS UTILIZADOS DURANTE A APRESENTAÇÃO.....	59
FOTO 28 – LIVROS DISPONIBILIZADOS PARA EMPRÉSTIMO	60

MEMORIAL

Ao longo da minha primeira infância, a minha mãe sempre costumava ler ou contar histórias para mim, pois ela acreditava que daquela maneira muitas portas para novos aprendizados seriam abertas. Recordo-me de ter predileção especial por escutar histórias a respeito de situações vivenciadas pelos meus avós e pais no passado. Talvez, eu já acreditasse que para compreender o meu presente eu primeiro precisaria compreender um pouco melhor o passado.

Eu sempre gostei muito de contar histórias e relatar situações vividas, principalmente para as pessoas do meu convívio mais próximo. No período em que estava na educação infantil, lembro-me da professora gostar de trabalhar com a contação e o relato de histórias de livros infantis. Uma das atividades funcionava dessa maneira: cada semana, a criança escolhia um livro para ler com os pais em casa e na semana seguinte, ela deveria contar para todos os colegas da classe a história que ouviu.

Apesar de ser um pouco mais introspectiva, eu gostava muito de participar desses momentos de contação. Ficava, inclusive, um pouco ansiosa para chegar logo a minha vez de contar a história. Em casa, eu sempre treinava várias vezes com a minha mãe a sequência dos fatos a serem narrados e as mudanças no tom de voz para representar diferentes personagens.

Nessa época, eu morava com meus pais na cidade de Belo Horizonte. Eles costumavam me levar para participar de alguns projetos culturais voltados para crianças, que funcionavam na Praça da Assembleia. Entre esses projetos, estava o de contação de histórias com fantoches.

Além disso, eu também tinha o hábito de frequentar, quase todas as semanas, a biblioteca pública da cidade com a minha mãe. Lá existia um espaço destinado a livros infantis e uma brinquedoteca. Às vezes, também funcionava um projeto de contação, para crianças, realizado pelos próprios funcionários que trabalhavam no local.

Posteriormente, ainda durante a minha vida escolar, eu comecei a nutrir um interesse especial pelas matérias relacionadas à História, Geopolítica e Línguas. As aulas que foram mais marcantes para mim, sempre foram aquelas em que os professores iniciavam contando uma história que tivesse relação com o conteúdo

ministrado. Essas experiências, relatos e conhecimentos adquiridos eram o que davam sentido a matéria e de alguma maneira me impulsionava a querer aprender.

Ao término do Ensino Médio, optei por estudar Ciências Sociais na Universidade de Brasília. No entanto, algumas razões me levaram a querer mudar de curso e tomar novos rumos. O meu interesse pela área da educação e o propósito de ministrar aulas, foram um dos motivos que me fizeram escolher o curso de Pedagogia.

Inicialmente, o tema que eu havia pensado para a minha monografia era sobre a educação domiciliar no Brasil. No entanto, alguns motivos me fizeram mudar de ideia, uma deles foi o fato de não ter contato com nenhuma família que adota esse modelo de ensino, o que poderia dificultar a minha pesquisa.

A temática a respeito da contação de histórias também era um dos meus interesses principais. Acabei optando por esse tema, por acreditar na importância dessa atividade para a formação da criança nos mais diversos aspectos. A minha experiência de estágio obrigatório na Educação Infantil também foi um dos fatores que impulsionou a minha decisão. Apesar de essa prática estar presente nos primeiros anos da Educação Básica, acredito que ela poderia ser mais valorizada e melhor trabalhada nas escolas.

Em geral, muitos conhecimentos transmitidos por meio da oralidade costumam ser visto como inferiores por não terem o mesmo grau de reconhecimento nos meios acadêmicos atuais. Por conta disso, contar histórias muitas vezes é visto como algo menor e sem importância, principalmente por estarmos vivendo em uma sociedade onde as experiências têm se tornado cada vez mais fluídas e mecanizadas. Isso se reflete também na educação onde a aquisição de conteúdos parece ser mais importante do que aprendizagem em si.

INTRODUÇÃO

Em sociedades como a nossa onde a leitura e a escrita predominam, a difusão de conhecimentos por meio da oralidade como, por exemplo, a contação de histórias, acaba tendo sua importância diminuída e muitas vezes, isso pode acarretar em prejuízos para as pessoas que nem sempre tiveram acesso ao ensino formal. A conservação da memória, tradições e sabedorias dessas pessoas por meio da narrativa oral acaba sendo desprezada em nome de um conhecimento científico e academicamente aceito (MATOS, 2014).

A contação de histórias costumava ser uma maneira de preservar a cultura e os valores para as gerações futuras. Essa prática consegue despertar nas crianças o lúdico, que é uma característica essencial para o desenvolvimento e a aprendizagem. É por meio da ludicidade que as crianças conseguem trabalhar a criatividade e crescer em entendimento a respeito da realidade a sua volta.

Segundo Torres e Tettamanzy (2008), essa maior familiaridade com atividades ligadas a oralidade pode fazer com que os indivíduos tenham um maior interesse pela leitura no futuro também. Tendo em vista isso, a contação de histórias pode ser um importante alicerce para o trabalho de alfabetização. A valorização de práticas não escolares dentro das instituições de ensino é fundamental até mesmo para que os discentes consigam transportar aquilo que estão aprendendo para as situações do cotidiano e para a sua vida como um todo.

Além disso, a contação de histórias envolve um trabalho de troca de ideias e experiências constante entre os envolvidos. Essa pode ser uma excelente maneira para que o docente conheça melhor os seus alunos e as suas respectivas demandas. No entanto, para isso de fato se materializar é importante que seja dado à criança a oportunidade de participar e se sentir inserido na atividade (TORRES; TETTAMANZY, 2008).

Para o trabalho em pauta foi escolhido o tema a respeito da importância da prática de contação de histórias, em especial no Ensino Infantil. A justificativa para essa escolha surgiu ao perceber que, muitas vezes, não é dado o devido reconhecimento nos ambientes escolares a respeito do valor educativo que o costume de contar histórias possui. Essa atividade, na maior parte das vezes, é

usada apenas com fins recreativos e é pouco difundida por professores de outras áreas.

O problema central da pesquisa está em compreender como a contação de histórias pode contribuir na aprendizagem da criança. Dada essa problemática, o objetivo geral será analisar a importância da prática de contação de histórias como recurso lúdico e didático. Sendo assim, os objetivos específicos serão: investigar como essa prática pode ser inserida no cotidiano escolar, mais precisamente na Educação Infantil; identificar quais seriam as principais técnicas utilizadas para a contação de histórias; e por fim, refletir a respeito de como a contação de histórias pode ser um instrumento facilitador para a alfabetização.

O presente trabalho foi dividido em seis partes. Em um primeiro momento, serão apresentados os marcos legais para a educação infantil. Em seguida, tratarei especificamente a respeito da contação de histórias, algumas das principais técnicas utilizadas nessas atividades e a importância dessa prática para a alfabetização. Logo após, será explicitado o modelo metodológico do trabalho, mostrando os caminhos percorridos durante a pesquisa e o ambiente escolhido para a observação participante.

Essas observações foram feitas em cinco turmas de 1º e 2º períodos do Ensino Infantil, no ano de 2019, em uma escola da rede pública, situada no Plano Piloto, na cidade de Brasília, com estudantes entre 4 e 5 anos de idade, de renda socioeconômica variada. Portanto, o trabalho de campo utilizou-se da observação in loco e entrevistas livres realizadas com as professoras regentes das turmas.

No capítulo quatro, irei comentar de maneira detalhada as atividades desenvolvidas na escola escolhida para a observação e trarei reflexões a respeito do que foi presenciado, apoiadas na bibliografia sobre o tema estudado anteriormente. Tudo isso terá como fim atingir os objetivos definidos para o presente trabalho. Para encerrar, farei algumas reflexões e considerações finais, resumindo as observações feitas e os resultados encontrados durante as pesquisas teóricas e de campo.

CAPÍTULO 1

ORALIDADE E EDUCAÇÃO

A tradição oral e a escrita representam duas formas distintas de comunicação linguística, a primeira privilegia a percepção auditiva, enquanto a segunda a percepção visual. É inegável que tanto a oralidade como a escrita possuem a sua importância e devem ter o seu lugar dentro da sociedade. Apesar disso, as ideologias predominantes durante o século XVIII e XIX fizeram com que a cultura escrita se sobrepusesse pouco a pouco a cultura oral, que era dita popular e de menor valor (MATOS, 2014).

A disseminação da escrita representou, em grande parte, uma perda de muitas capacidades desenvolvidas pela oralidade. A relação do homem com a palavra se tornou diferente e essa mudança também se refletiu nos valores da sociedade. Isso levou a uma depreciação das “figuras do sábio ancião, repetidor do passado, em favor dos jovens que trarão as novidades.” (MATOS, 2014, p. 158).

Por muito tempo, a modalidade oral do uso da língua esteve ausente dentro das salas de aula e isso ocorreu por conta da predominância de uma perspectiva que buscava criar uma oposição entre a escrita e a oralidade (LEAL, 2012). Apesar de a oralidade ser o eixo de ensino menos prestigiado nos centros de ensino nos dias de hoje, existe um movimento por parte de alguns estudiosos na tentativa de revalorizar essa prática com intuítos inclusive pedagógicos.

Neste capítulo, serão abordados os marcos legais para a Educação Infantil como as Diretrizes Curriculares Nacionais e a Base Nacional Comum Curricular. Tratarei em específico também da discussão a respeito do ensino da oralidade na Educação Infantil.

1.1. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil

As Diretrizes Curriculares Nacionais são um conjunto de princípios e normas obrigatórias para a Educação Básica com o intuito de nortear as escolas no planejamento, organização, articulação, desenvolvimento e avaliação de suas propostas pedagógicas. Essas Diretrizes Curriculares Nacionais foram elaboradas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) tendo como fundamento a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996, que afirma ser responsabilidade da

União “estabelecer, em colaboração com os Estados, Distrito Federal e os Municípios, competências e diretrizes para a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio, que nortearão os currículos e os seus conteúdos mínimos, de modo a assegurar a formação básica comum” (Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, Brasil, 2013, p. 7).

As Diretrizes Curriculares Nacionais, a princípio, postulam a autonomia das instituições de ensino na elaboração da proposta pedagógica e do currículo, desde que seja dentro das áreas de conhecimento exigidas. É proposto que a escola considere a aplicação desse conteúdo levando em conta o público que será atendido. Foram estabelecidas quatro Diretrizes: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio e Diretrizes Curriculares Nacionais para Formação de Professores.

No caso das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, que serão analisadas aqui, é defendido que se leve em conta a integralidade e indivisibilidade das mais diversas dimensões necessárias para o bom desenvolvimento da criança como a motricidade, a ética, a linguagem e etc. É sugerido também que se leve em conta o ritmo, os interesses e as especificidades próprias de cada criança ao se elaborar as atividades a serem realizadas.

Cada criança apresenta um ritmo e uma forma própria de colocar-se nos relacionamentos e nas interações, de manifestar emoções e curiosidade, e elabora um modo próprio de agir nas diversas situações que vivencia desde o nascimento conforme experimenta sensações de desconforto ou de incerteza diante de aspectos novos que lhe geram necessidades e desejos, e lhe exigem novas respostas (Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, Brasil, 2013, p. 86).

Em relação ao desenvolvimento da oralidade, as Diretrizes Curriculares Nacionais (2013) defendem a importância de se promover atividades de contação de histórias para auxiliar no “desenvolvimento da capacidade infantil de conhecer o mundo e a si mesmo, de sua autoconfiança e a formação de motivos e interesses pessoais, quanto ampliam as possibilidades da professora ou professor de compreender e responder às iniciativas infantis” (Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, Brasil, 2013, p. 87).

O documento descreve a linguagem oral como um instrumento básico de expressão de ideias e sentimentos. Por isso, busca-se ressaltar a necessidade dos professores planejarem e trabalharem continuamente, em conjunto com a família, atividades que possibilitem à criança a aquisição do desenvolvimento da oralidade.

A aquisição da linguagem oral depende das possibilidades das crianças observarem e participarem cotidianamente de situações comunicativas diversas onde podem comunicar-se, conversar, ouvir histórias, narrar, contar um fato, brincar com palavras, refletir e expressar seus próprios pontos de vista, diferenciar conceitos, ver interconexões e descobrir novos caminhos de entender o mundo. É um processo que precisa ser planejado e continuamente trabalhado (Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, Brasil, 2013, p. 93).

Por isso, é importante que o professor consiga transformar a hora da leitura de livros e contação de histórias em momentos lúdicos, permitindo assim a participação de todos. Além disso, trabalho com a língua escrita, em especial no Ensino Infantil, não pode ser uma prática mecânica e descontextualizada da realidade e das especificidades de cada aluno:

[...] o trabalho com a língua escrita com crianças pequenas não pode decididamente ser uma prática mecânica desprovida de sentido e centrada na decodificação do escrito. Sua apropriação pela criança se faz no reconhecimento, compreensão e fruição da linguagem que se usa para escrever, mediada pela professora e pelo professor, fazendo-se presente em atividades prazerosas de contato com diferentes gêneros escritos, como a leitura diária de livros pelo professor, a possibilidade da criança desde cedo manusear livros e revistas e produzir narrativas e “textos”, mesmo sem saber ler e escrever. (Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, Brasil, 2013, p. 93).

Nas Diretrizes Curriculares Nacionais também é salientado a importância de se trabalhar no Ensino Infantil tarefas que permitam o desenvolvimento da autonomia por meio de atividades individuais, assim como trabalhos em grupo que auxiliem em uma melhor compreensão de como lidar com as relações interpessoais e prováveis desentendimentos ou conflitos.

Para isso, nada melhor do que usufruir de atividades como a contação de histórias, pois elas possibilitam que a criança adquira aos poucos maior conhecimento da realidade em que vive e a partir daí, reflita melhor a respeito de suas ações e o impacto que elas podem causar. Por ser uma atividade em grupo a contação também permite, como já foi dito, a participação e inclusão de todos ao mesmo tempo em que estimula uma maior compreensão sobre o outro, melhorando assim as relações com os colegas.

As Diretrizes Curriculares Nacionais propõem que seja feito um acompanhamento da continuidade do processo de educação pelo aluno no Ensino Infantil. Para isso, são citadas algumas estratégias como, por exemplo, planejar e efetivar o acolhimento das crianças e de suas famílias, priorizar a observação atenta, mediar as relações e prever formas de articulação entre os docentes da Educação Infantil e do Ensino Fundamental.

De maneira geral, as atividades que auxiliam no desenvolvimento da linguagem oral, como a contação de histórias, podem facilitar os professores no alcance dessas estratégias. No primeiro caso, por exemplo, essas tarefas que exploram a tradição oral podem envolver também a participação da família, em especial no caso de crianças que vem de realidades onde a cultura escrita é pouco presente.

Além disso, a contação permite também que o docente faça uma observação mais atenta das necessidades e particularidades de cada aluno, atendendo assim a segunda estratégia citada. Já em relação à questão da articulação entre a Educação Infantil com as séries seguintes do Ensino Fundamental, que tem um foco na alfabetização, essa prática também tem um papel importante, como podemos ver, na adaptação da criança.

1.2. Base Nacional Comum Curricular da Educação Infantil

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento que determina os conhecimentos essenciais que todos os alunos da Educação Básica devem aprender, ano a ano, independentemente do lugar onde moram ou estudam. A diferença da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em relação às Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) é que enquanto estas dão o alicerce para o planejamento curricular das escolas e dos sistemas de ensino, a BNCC busca oferecer um detalhamento dos conteúdos e competências, ou seja, este documento procura detalhar melhor os objetivos pedagógicos e de aprendizagem de cada etapa escolar, incluindo aí a Educação Infantil.

Por muito tempo, a Educação Infantil era entendida apenas como uma etapa preparatória para a escolarização posterior, que teria seu começo no Ensino Fundamental. Por isso, o termo pré-escola era muito difundido para se referir a essa etapa de ensino. A partir da Constituição Federal de 1988 e da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996, buscou-se tornar a Educação Infantil parte integrante da

Educação Básica. Essa modalidade passou então a tornar-se obrigatória e dever do Estado. A Emenda Constitucional nº 59/2009 e as Diretrizes Curriculares Nacionais buscaram então ratificar o que já havia sendo implementado, tornando obrigatório a matrícula de crianças de 4 e 5 anos em instituições de Educação Infantil.

Com isso, a Educação Infantil passou a ser contemplada também no documento da BNCC. E tomando como base os eixos estruturantes das práticas pedagógicas e as competências gerais da Educação Básica contidas na BNCC, seis direitos (conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se) de aprendizagem e desenvolvimento foram propostos para assegurar condições para que as crianças, na Educação Infantil, possam vivenciar e resolver desafios, além de construir significados sobre si e o mundo a sua volta. Entre os direitos propostos estão o de conviver, brincar, explorar, expressar e conhecer-se.

Para que esses direitos sejam plenamente colocados em prática é necessário que as atividades pedagógicas, elaboradas pelo professor, tenham uma intencionalidade educativa clara. Dessa forma, a aquisição de conhecimentos e a assimilação de valores não podem ficar circunscritas a um processo de desenvolvimento espontâneo apenas. O professor deve buscar planejar e monitorar as atividades, criando situações que permitam a interações entre as crianças e a aprendizagem.

Essa intencionalidade consiste na organização e proposição, pelo educador, de experiências que permitam às crianças conhecer a si e ao outro e de conhecer e compreender as relações com a natureza, com a cultura e com a produção científica, que se traduzem nas práticas de cuidados pessoais (alimentar-se, vestir-se, higienizar-se), nas brincadeiras, nas experimentações com materiais variados, na aproximação com a literatura e no encontro com as pessoas (Base Nacional Comum Curricular, Brasil, 2018, p. 39).

Para que o acompanhamento dessas práticas e das aprendizagens seja realizado com sucesso é necessário que o educador faça uma observação individual de cada criança e da turma como um todo, pois só assim será possível verificar os avanços, necessidades e interesses específicos de cada um. Por meio de registros como relatórios, portfólios, fotografias, desenhos e textos o professor poderá fazer uma boa avaliação dos alunos. No entanto, deve-se ter cuidado, pois essa avaliação não deve ser feita com o intuito de selecionar e classificar as crianças. Na Educação Infantil, conforme determina a Lei de Diretrizes e Bases de 1996, a avaliação precisa ser estritamente qualitativa.

O documento da BNCC, conforme determina a Lei de Diretrizes e Bases de 1996, busca organizar o currículo da Educação Infantil em cinco campos de experiências que têm por finalidade definir os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento desta etapa de ensino. Esses campos de experiências buscam abarcar as situações da vida cotidiana das crianças e seus saberes. O campo da “Escuta, fala, pensamento e imaginação”, por exemplo, têm por propósito “promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral (...)” (Base Nacional Comum Curricular, Brasil, 2018, p. 42).

Nesse sentido, as atividades que promovem a oralidade são essenciais para que os docentes consigam atingir esse objetivo de aprendizagem e desenvolvimento proposto pela BNCC. A contação de histórias, por exemplo, consegue desenvolver na criança maior interesse em compreender a realidade a sua volta, ao mesmo tempo em que permite dar espaço para a participação, possibilitando assim o desenvolvimento da fala e da escuta, objetos essenciais para um bom convívio com o outro. Isso aos poucos, também poderá motivar nos alunos o interesse em relação à cultura escrita.

Na Educação Infantil, a imersão na cultura escrita deve partir do que as crianças conhecem e das curiosidades que deixam transparecer. As experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo. Além disso, o contato com histórias, contos, fábulas, poemas, cordéis etc. propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros (Base Nacional Comum Curricular, Brasil, 2018, p. 42).

Essa imersão na cultura escrita, da qual fala o documento, será essencial para uma boa transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, outro ponto de importância levantado pela BNCC. No entanto, isso deve ser feito sem intenção classificatória ou de retenção e respeitando as singularidades de cada indivíduo. A Educação Infantil não deve ser vista apenas como um preparatório para as séries iniciais do Ensino Fundamental. Essa etapa de ensino tem muitos outros propósitos, que ultrapassam essas meras simplificações.

Na verdade, o principal intuito dessa introdução das crianças à cultura escrita, da qual fala o documento, seria promover um maior equilíbrio entre as mudanças

que ocorrem entre essas duas etapas da Educação Básica, garantindo assim maior integração e continuidade dos processos de aprendizagem. Contudo, para que isso ocorra de maneira satisfatória, é importante que os docentes tenham contato com os portfólios ou registros que mostrem os processos vivenciados pelas discentes no período anterior ao Ensino Fundamental, ou seja, é necessário que ocorra uma troca de conversas e informações entre os familiares e professores das diferentes etapas de ensino a respeito do histórico e particularidade de cada criança.

O reconhecimento da importância da oralidade, em especial na Educação Infantil, pode vir a auxiliar os indivíduos no conhecimento de diferentes gêneros textuais, na compreensão da função social da escrita e no reconhecimento da leitura como fonte de prazer e informação.

1.3. Oralidade na Educação Infantil

O desenvolvimento da oralidade, principalmente na primeira infância, é fundamental para que o indivíduo possa ampliar as suas possibilidades de inserção nas mais diversas situações que envolvam a relação com o outro e o mundo a sua volta. A necessidade do uso da língua oral no cotidiano se faz presente nas mais diversas experiências vivenciadas não apenas em casa, mas também nas instituições escolares.

Nesse sentido, compete ao professor planejar práticas e atividades que favoreçam o desenvolvimento da oralidade como, por exemplo, rodas de conversas com as crianças, leituras e contações de histórias, jogos utilizando narrativas ou palavras, entre outros. É importante que o professor reconheça que essas atividades só terão êxito a partir do momento em que a criança conseguir enxergar sentido nelas.

Esse desenvolvimento da oralidade pode ser importante também para que a criança possa vir a ter mais facilidade, futuramente, durante a alfabetização, mas é interessante, antes de tudo, que ela compreenda qual a importância do ler e do escrever para a vida delas, ou seja, elas precisam ter uma noção mínima do papel social que a leitura e a escrita desempenham nos dias de hoje.

O professor tem diversas opções de atividades que ele pode recorrer para incentivar o interesse pela escrita. As autoras Santos e Farago (2015) indicam algumas possibilidades de atividades nesse sentido como, por exemplo, a confecção de livros onde as ilustrações sejam realizadas pela própria criança e a professora

seja a escriba. O ideal é que a temática do livro esteja relacionada com algo que as crianças já estejam estudando. Outra sugestão seria estabelecer uma correspondência com os colegas e familiares por meio de cartas.

É preciso também que o professor trabalhe com atividades que possibilitem às crianças maneiras de avançarem em termos de expressão da linguagem. Por isso, é necessário estipular momentos onde as crianças possam vivenciar situações de comunicação real como, por exemplo, ao mandar um recado para a família ou na prática dialógica durante a contação de histórias e em rodas de conversa (SANTOS; FARAGO, 2015).

Outras atividades que podem ser adotadas para ajudar no desenvolvimento da oralidade são a repetição de parlendas, cantigas de roda, trava-língua e adivinhas. A tradição de contar histórias também permite a produção de narrativas por parte das próprias crianças como, por exemplo, por meio do reconto de histórias. Todas essas atividades auxiliam no desenvolvimento da linguagem e o estímulo à imaginação. O reconto de histórias, em especial, ajuda o professor na avaliação do desenvolvimento linguístico da criança.

No momento de contar uma história há diversas técnicas que os professores podem adotar para aumentar o interesse e a participação das crianças na atividade. Essa questão será melhor tratada no capítulo seguinte. As autoras Santos e Farago (2015) propõem o uso de livros contendo ilustrações como apoio, além de fantoches ou caixa de histórias. O professor também pode compartilhar a contação de uma história com as crianças, ao propor perguntas que sirvam de roteiro para contar o trecho seguinte. Dessa maneira, os alunos vão complementando a narrativa do professor. A construção de narrativas também pode ser explorada por meio da brincadeira entre as crianças, onde tenham de desempenhar diferentes papéis, dependendo do personagem que estejam representando. Por isso, é importante que o docente compreenda a importância desses momentos de brincadeira também.

Em relação às rodas de conversa, elas devem ser atividades diárias onde se permite a interação e o diálogo entre os alunos. O professor, nesse caso, deve atuar mediando as conversações entre as crianças e propondo novas situações onde elas possam se expressar cada vez mais e melhor. Outra prática importante que deve ser considerada para o desenvolvimento da oralidade é a leitura. No Ensino Infantil, isso deve ser feito por meio do acesso e manuseio dos livros (SANTOS; FARAGO, 2015).

As atividades que envolvem a dramatização como o teatro infantil, teatro de sobras, fantoches, entre outros, também auxiliam no desenvolvimento da oralidade, pois permitem que as crianças também se expressem e consigam melhorar seus padrões de linguagem ao melhorar a pronúncia, por exemplo. Em suma, como se pode ver, há diversas atividades que podem ser empregadas relacionadas a oralidade.

É necessário discutir sobre a importância de desenvolver um trabalho pedagógico que valorize o ato comunicativo das crianças possibilitando o pleno desenvolvimento da linguagem. Portanto é essencial perceber que o processo da linguagem oral é dinâmico e necessita de situações e possibilidades altamente significativas, por isso devem ser trabalhadas diariamente. (SANTOS; FARAGO, 2015, p. 131).

O desenvolvimento da oralidade não se resume apenas a deixar que as crianças falem, pois essa fala do cotidiano não garante aprendizagem suficiente. Segundo as autoras Chaer e Guimarães (2012), é preciso ir além e buscar organizar e planejar as aulas e conteúdos de maneira a haver um trabalho sistemático com a linguagem oral. É necessário levar em conta a necessidade das crianças perceberem um sentido por trás dessas atividades ligadas a tradição oral.

CAPÍTULO 2

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Os contadores de história e a tradição oral tiveram uma função educativa importante em nossa sociedade em um passado distante, pois esses eram os meios mais difundidos de transmissão do conhecimento. Nessa época a cultura oral era dita primária. Já na nossa sociedade contemporânea, a cultura oral é dita secundária, pois o que predomina é a escrita, enquanto a oralidade passou a ficar circunscrita majoritariamente a suportes de difusão mecânica de voz e imagem (MATOS, 2014). Isso levou a uma constante desvalorização da possibilidade de difusão do conhecimento por meio da oralidade.

A partir do século XX, os contadores foram desaparecendo pouco a pouco nos centros urbanos. Esse processo também se deu no interior, mas demorou mais para acontecer, no entanto, com a chegada da televisão nesses locais, a tradição oral foi definitivamente perdendo o seu espaço. Essas mudanças acabaram provocando “a destruição radical da ordem fundada sobre o modelo de sociedade que se guiava pelos valores próprios da tradição” (MATOS, 2014, p. 97). A memória e a experiência útil dos antepassados são deixadas de lado para dar lugar a um maior individualismo e conseqüentemente, a experiência de comunicação com o outro se torna mais empobrecida.

Apesar disso, ao mesmo tempo em que essas mudanças ocorreram, surgiu também a necessidade de se resgatar alguns aspectos das culturas tradicionais e com isso, a tradição oral dos contos, por exemplo, começou a ganhar força (CONSULIN, 2015). Alguns profissionais têm buscado maneiras de revalorizar e incorporar a contação de histórias em sala de aula com objetivos lúdicos e didáticos de transmissão do conhecimento:

O sentimento de unidade que o contador é capaz de propiciar, por meio de sua palavra, talvez esteja funcionando como uma das saídas possíveis desse túnel de individualismo, de isolamento, de indiferença pelo outro e de intolerância com a alteridade próprios da contemporaneidade, que parece minar o que há de “humano” numa comunidade de “humanos” [...] (MATOS, 2014, p. 32).

Obviamente que os contadores de histórias hoje desempenham um papel diferente dos contadores tradicionais. Os contadores tradicionais costumavam narrar

as histórias em contextos familiares e de maneira espontânea, ou seja, as técnicas eram formuladas naturalmente pela própria sociedade em questão. Dessa forma, as pessoas aprendiam a arte da palavra ao longo das suas próprias experiências como ouvintes. Já os novos contadores não costumam ter como herança histórias guardadas na memória e por isso, o processo de contação costuma ser diferente. Hoje os contadores buscam recriar a oralidade a partir de uma fonte escrita (MATOS, 2014).

No presente capítulo, será abordada a importância do hábito da contação de histórias, as técnicas a serem levadas em conta pelo contador ou professor. E por último, abordarei de que maneira essa atividade pode contribuir para o incentivo a leitura e para a alfabetização da criança.

2.1. A importância da prática de contação de histórias

A capacidade de falar, ler e escrever, na maior parte do tempo, costuma ser trabalhada separadamente na escola, no entanto, isso reflete um pensamento simplista advindo da modernidade, que muitas vezes não dá o devido valor à tradição e as narrativas orais (Brandt; Gustsack; Feldmann, 2009). Contar histórias deve ser visto como uma ação pedagógica que possibilita o desenvolvimento de maneira integrada da oralidade, leitura e escrita:

As experiências com o cotidiano da educação nas escolas têm mostrado algumas negligências quanto à potencialidade do conto oral. Muitas vezes, em virtude de uma preocupação excessiva com conteúdos constantes nos programas de ensino e da tradição que privilegia o uso da escrita, as narrativas orais deixam de ser trabalhadas em sala de aula. Ou seja, é na sua forma escrita que a narrativa acaba sendo privilegiada nas escolas, sem considerar que, historicamente, surgiu em sua modalidade oral, tendo participação fundamental na vida das comunidades humanas. (Brandt; Gustsack; Feldmann, 2009, p. 176).

Contar histórias permite que o ouvinte adquira maior conhecimento sobre si mesmo e do mundo em que vive, a partir do momento em que ele estabelece uma ligação entre a ficção e o real. Além disso, a narração possibilita indiretamente que o professor trabalhe com aspectos como a sintaxe e a semântica. Com a contação de uma história pode-se propor também aos alunos a tradução desta para os quadrinhos, teatro ou poema (Brandt; Gustsack; Feldmann, 2009). Essa é uma maneira interdisciplinar de trabalhar diferentes gêneros textuais.

Para criar o hábito de contar histórias, e para que ele esteja sempre articulado com os diversos tipos de saberes, é necessário que essa prática não ocorra apenas

de forma esporádica. É preciso que a contação de histórias seja integrada no dia-a-dia da sala de aula:

Nossa compreensão leva em conta o fato de que contar histórias é algo inerente ao viver da humanidade e, portanto, propicia que as aprendizagens possam fluir de forma mais harmoniosa, sem pressões externas e internas decorrentes das políticas e grades curriculares, que, muitas vezes, impedem que as crianças aprendam, pois limitam sua imaginação. Para nós, o trabalho cotidiano de contar e deixar contar histórias é também uma forma especial de narrativa com a qual nos formamos (Brandt; Gustsack; Feldmann, 2009, p. 182).

Conforme observamos, a contação de histórias não deve ser percebida pelos alunos como uma prática artificial e que está ali apenas com o fim de cumprir políticas curriculares. Esse recurso pode ser utilizado nos mais diversos contextos escolares, por exemplo, um professor, seja de qualquer área do conhecimento, pode relacionar a história narrada com o conteúdo trabalhado dentro de sala de aula, aumentando assim a compreensão e o interesse dos alunos pela matéria.

Muitos educadores não reconhecem esses potenciais que a contação de histórias têm na construção da aprendizagem dos alunos. Os mais diversos campos do conhecimento também podem se apropriar da prática da contação de histórias para ensinar determinado conteúdo, aumentando dessa maneira, o interesse dos alunos pela aula:

O principal objetivo em contar uma história é divertir, estimulando a imaginação, mas, quando bem contada, pode atingir outros objetivos, tais como: educar, instruir, conhecer melhor os interesses pessoais, desenvolver o raciocínio, ser ponto de partida para trabalhar algum conteúdo pragmático, assim podendo aumentar o interesse pela aula ou permitir a auto-identificação, favorecendo a compreensão de situações desagradáveis e ajudando a resolver conflitos. Agrada a todos sem fazer distinção de classe social ou circunstância de vida. (TORRES; TETTAMANZY, 2008, p. 3).

Segundo Torres e Tettamanzy (2008), em uma sociedade altamente mecanizada como a nossa, a contação de histórias nos permite refletir sobre qualidades e realidades esquecidas. Conforme já foi dito anteriormente, essa prática proporciona maior valorização do conhecimento transmitido por meio da oralidade e da história de um determinado local. Esse hábito, adquirido pela criança, de ouvir histórias desde a tenra idade, ajuda na formação da identidade.

A contação de histórias também pode ser um bom incentivo para ajudar as crianças a desenvolverem o interesse pela leitura e a escrita, pois uma pessoa que gosta de ouvir histórias, provavelmente irá procurar lê-las por conta própria. Da mesma forma, a escrita também é beneficiada, pois alguém que gosta de contar as próprias histórias poderá vir a desenvolver o gosto pela escrita (TORRES; TETTAMANZY, 2008). Isso mostra o quanto a atividade de contação ajuda no desenvolvimento integrado da oralidade, leitura e escrita.

As histórias narradas pelos professores permitem que as crianças, vindas de famílias analfabetas, possam se inserir melhor no contexto escolar, principalmente quando os docentes buscam trabalhar com contos, músicas e histórias da literatura popular. O mesmo vale para contos sobre nobres e cavaleiros, por exemplo, pois os temas encontrados neles são universais (TORRES; TETTAMANZY, 2008). Essa estratégia faz com que esses alunos possam criar maior identificação e se sintam participantes daquele momento, aumentando assim o interesse e curiosidade pelas atividades.

A partir de histórias simples, a criança começa a reconhecer e interpretar sua experiência da vida real. Pode, a partir de uma experiência relatada na história, identificar-se com a situação narrada, compreender melhor o universo em que se situa, refletir sobre a história ficcional que pode se aproximar da realidade vivida. Nessa interpretação das histórias contadas, é importante o papel desempenhado pelo contador para que haja de fato estimulação à leitura e prazer ao se ter contato com a narrativa (PORTO; PORTO, 2012, p. 119).

Da mesma forma, a contação de histórias permite que a vivência comunitária seja trabalhada por meio da interação entre narrador e ouvintes, pois ela instiga a participação e o envolvimento de todos na atividade. Por isso, a própria iniciativa de contar histórias pode ser usada também com o intuito de desenvolver na criança a habilidade de relacionar-se com o próximo (TORRES; TETTAMANZY, 2008). Esse tipo de vivência tem se tornado cada vez mais raro nos dias de hoje, com a aceleração da vida nas sociedades contemporâneas. É essencial que as crianças possam ter esse tipo de experiência tanto na escola como em casa.

O ideal é que a inserção da criança nas atividades de contação seja feita já durante a primeira infância, tanto pela família como pela escola. Isso poderá ajudar esse aluno, por exemplo, a familiarizar-se com as palavras e na compreensão de seus significados.

A prática de contar histórias desde cedo também pode vir a facilitar a aprendizagem do aluno durante o período de alfabetização, pois a regularidade dos contos (começo, meio e fim) ajuda na compreensão textual por parte das crianças e também nas habilidades linguísticas no nível oral e escrito:

Dentro das histórias encontramos a gramática do conto: as personagens (protagonista e antagonista), apresentação inicial do conto, sucessão de eventos/ações complexas e o final; esta regularidade facilita a compreensão textual e a criação de histórias pela própria criança, assim contribuindo para as habilidades linguísticas em nível oral e escrito. O conhecimento adquirido pelas crianças em idade “pré-escolar” das competências da língua e narrativas são fundamentais nas fases de alfabetização e letramento (SOUZA; BERNARDINO, 2011, p. 238).

Outro ponto importante, que já foi comentado anteriormente, é a respeito da possibilidade do uso da narração como forma de comunicar situações da realidade às crianças, pois nessa fase da vida, elas têm muito mais facilidade de compreender a linguagem simbólica (dramatização, desenhos, pinturas e etc.) do que a linguagem literal:

As narrativas em sala de aula são ótimas ferramentas para o desenvolvimento da subjetividade das crianças, o conto permite que esta experimente emoções, vivencie-as em sua fantasia, sem que precise passar pelas mesmas situações na realidade, além disso, a história oferece a criança uma nova forma de pensar sobre os seus sentimentos difíceis, sentimentos dolorosos ou intensos demais (como um luto, o nascimento de um irmão, a adaptação escolar, etc.) (SOUZA; BERNARDINO, 2011, p. 243).

Essa compreensão da realidade que as histórias trazem, da qual as autoras falam, ajuda a criança a vivenciar situações ao se colocar no lugar dos personagens. Esse atributo pode ser particularmente importante para os pedagogos que trabalham na área hospitalar ou em espaços não escolares com crianças em situação de vulnerabilidade.

As crianças que, muitas vezes por problemas de saúde, precisam ficar hospitalizadas são especialmente beneficiadas pela contação de histórias, porque essa atividade tem a capacidade de auxiliá-las durante o tratamento ao resgatar o aspecto lúdico e proporcionar um olhar diferente sobre as dificuldades:

Narrar histórias infantis nos hospitais como um dos instrumentos do tratamento total oferecido à criança internada, propicia melhora psíquica e/ou física. Permitindo devolver a fantasia, contar história e uma atividade prazerosa e sadia que ameniza a condição de enfermidade dando maiores condições para médicos, enfermeiros, psicólogos, recreacionistas,

terapeutas, professores e acompanhantes responderem as necessidades lúdicas da criança hospitalizada (SOUZA; BERNARDINO, 2011, p. 241).

Como pôde ser visto, a contação de histórias é importante por causa de inúmeros fatores, entre eles está a capacidade de fazer com que os ouvintes possam pensar e vivenciar a realidade de uma forma diferente. Essa prática também auxilia no conhecimento de novas palavras, na oralidade, na escrita e na promoção de valores. Além disso, essa atividade possui um caráter motivador e por esse mesmo fato, pode ajudar inclusive no aumento do interesse do aluno na aquisição de novas aprendizagens nas mais diferentes disciplinas.

2.2. As técnicas utilizadas nas contações de histórias

Há distintas formas de se contar uma mesma história. Na prática da contação vários aspectos são explorados como a voz, o gesto e o olhar. É importante ressaltar que há uma diferença entre a leitura e a contação. O contador costuma usar as próprias palavras durante a narração, por isso, uma mesma história é contada de diferentes maneiras, enquanto na leitura a história será sempre a mesma, independente de quem lê (CONSULIN, 2015).

É aconselhado, segundo Porto e Porto (2012), que o professor busque adequar a prática da contação de histórias a um tema, e a partir daí, propor atividades aos alunos com o propósito de desenvolver futuramente competências como leitura e interpretação. O professor deve pensar também em sempre adaptar a maneira de contar a história ao público que deseja atingir. Há inúmeras formas de se contar uma mesma história, no entanto, nada substitui o entusiasmo do professor.

Ao contar uma história, o docente deve se preocupar em familiarizar-se com ela e memorizá-la bem, principalmente para não se perder durante a apresentação. É importante, como já foi falado, buscar variar os gestos e a entonação da voz de acordo com cada personagem, mas sempre se lembrando de falar com naturalidade. O professor precisa oferecer momentos para que os alunos possam participar e interferir na história, por isso, é essencial não ter pressa. No entanto, o tempo demandado na contação não deve ser muito longo para evitar a dispersão, principalmente no caso de crianças mais novas (PORTO; PORTO, 2012).

Como já foi falado anteriormente, o entusiasmo é fundamental para que os ouvintes não percam o interesse pela história que está sendo narrada. Nesse sentido, essas atividades de contação devem despertar espontaneamente o

interesse dos alunos e não ter o objetivo apenas de cumprir com um plano de conteúdos. O principal enfoque da contação de histórias deve estar sempre centrado na formação e no desenvolvimento de competências do alunado:

[...] a contação de histórias precisa atender a uma perspectiva formativa, em que o gosto e o prazer pela atividade possam ser desenvolvidos como meio para o aluno desenvolver competências e não apenas explorados como parte do cumprimento de um plano de conteúdos, já que tal tipo de atividade se correlaciona à aquisição de outras competências, como a de ler e interpretar textos, sejam eles verbais ou não-verbais (PORTO; PORTO, 2012, p. 122 e 123).

Para Souza e Bernardino (2011), os principais aspectos que devem ser levados em conta durante a prática de contação são: um espaço físico adequado e o ambiente harmonioso e aconchegante sem distrações externas. A utilização de materiais de apoio como fantoches, por exemplo, facilitam a narração e a participação dos alunos durante a atividade. Além disso, é aconselhado evitar descrições muito detalhadas da história para permitir que as crianças possam criar situações de acordo com a sua imaginação. O contato com o livro e as suas ilustrações também é essencial para o imaginário dos ouvintes.

As autoras também frisam que o contador não deve negligenciar a postura corporal. Ela precisa ser equilibrada e a musculatura relaxada de maneira a permitir a expressividade e dessa forma, criar uma sintonia maior com a história narrada. Isso poderá proporcionar também maior leveza e naturalidade na utilização de gestos. É sugerido ao contador dar preferência a narrar a história de pé, pois ajuda a estabelecer maior ligação com os ouvintes por meio do contato visual. Essa estratégia pode aumentar o interesse e o envolvimento da criança na narração.

Um excelente recurso da contação de histórias é o livro de imagens, essa forma de literatura infantil ainda não é tão explorada como deveria. Nesses livros, as histórias são narradas por meio das imagens sem a utilização de texto verbal:

As imagens são narrativas com conteúdos de descrição e ação ao contrario das ilustrações decorativas dos livros infantis [...] Um trabalho com crianças apontando ou levando-as a descobrir esses elementos que fazem progredir a ação ou que explicam espaço, tempo, aspectos dos personagens, etc.; conduzirá a leitura da imagem, ao mesmo tempo em que desenvolve a capacidade de observação, análise comparação, classificação, levantamento de hipótese, síntese e raciocínio (SOUZA; BERNARDINO, 2011, p. 245).

Outro detalhe importante, que precisa ser lembrado, é de realizar uma pré-leitura com as crianças, já indicando o que podem esperar da história ou até mesmo para sinalizar um aspecto específico ao qual elas devem prestar mais atenção. Após a leitura, é interessante questionar o que a turma achou ou se gostaram do final. O desenvolvimento de questões abertas também é importante para promover a discussão em sala e auxiliar os ouvintes a relacionar as suas experiências pessoais aos dos personagens. Já as questões fechadas, ajudam a lembrar de detalhes mais específicos da história (SOUZA; BERNARDINO, 2011).

É imprescindível que o professor ou contador tenham conhecimento e formação literária básica a fim de selecionar melhor as histórias que podem interessar as crianças e contribuir assim para a ampliação do aprendizado. A hora da contação também deve ser escolhida com cuidado, pois é preciso levar em consideração o horário que as crianças estão mais calmas e relaxadas como, por exemplo, antes do intervalo ou almoço e no final do dia. O ideal, durante a leitura, é criar um ambiente de proximidade e nesse caso, o círculo ou rodinha é a melhor opção (SOUZA; BERNARDINO, 2011).

A prática da contação de história precisa ser trabalhada desde a Educação Infantil, no entanto, como já foi falado, o professor precisa levar em conta também o estágio de desenvolvimento em que a maioria da turma se encontra ao escolher o tipo de história que irá contar:

Antes de completarem 03 anos as crianças vivem num mundo muito concreto, suas brincadeiras são relacionadas ao real, gostam de histórias que falam de limpar a casa, ir nadar, dirigir um carro, fazer um bolo ou passear no parque, isso porque ainda estão sendo apresentadas a essas coisas do mundo, gostam de reconhecer e rever no livro o que já conhecem, mas a partir dos 03 e 04 anos começam a viver no mundo da imaginação, onde uma atividade vividamente imaginada é como se fosse real. (SOUZA; BERNARDINO, 2011, p. 247).

Em suma, o professor, ou qualquer um, que deseje adotar a contação de histórias como ferramenta pedagógica e de ensino, precisa levar em conta os seguintes aspectos: o ambiente onde a história será narrada; o público alvo; a participação dos alunos; a entonação da voz, os gestos e as expressões faciais; a postura corporal; e a utilização de materiais de apoio (fantoques, vídeos, músicas, imagens e etc.).

2.3. A contação de histórias como instrumento facilitador para a alfabetização

A exposição constante a escuta de histórias, pode auxiliar o indivíduo no aprendizado da leitura e na escrita. Obviamente que apenas ouvir histórias não será suficiente para que uma criança aprenda a ler de fato, no entanto, essa atividade pode ser um grande aliado e facilitador durante a alfabetização, onde a leitura partilhada em grupo (contação de histórias) passará a ser, na maior parte do tempo, uma leitura individual.

Segundo Santhiago (2018), um dos objetivos principais dos professores, no ciclo da alfabetização, é introduzir os alunos no mundo da leitura e da escrita, mas para isso, o ambiente escolar deve estar então preparado para ampliar o contato dos alunos com os livros antes mesmo dos discentes aprenderem a ler ou escrever. E como sabemos, esse contato inicial com a leitura é feito em especial por meio da contação de histórias.

Os alunos iniciam o seu interesse pela leitura a partir do momento em que eles escutam as histórias lidas pelos professores ou pela família. Esse contato com a linguagem oral permite também que o vocabulário seja enriquecido, contribuindo posteriormente para o desenvolvimento da escrita.

A inserção de histórias no ciclo de alfabetização é uma estratégia que traz muitos benefícios ao aprendizado dos educandos, pois desenvolve nos alunos o hábito e interesse pela literatura, podendo se tornar um facilitador quando se trata do aprimoramento do código linguístico por parte da criança. (SANTHIAGO, 2018, p. 60).

No entanto, para que essa inserção dos alunos no mundo da leitura seja efetivamente bem sucedida, é essencial que os professores reconheçam a importância da contação de histórias para o desenvolvimento das crianças como um todo. Essa atividade não deve ser vista apenas como um momento de lazer ou distração.

O professor que trabalha mais diretamente com a alfabetização também precisa ter consciência que alfabetizar não se limita apenas a ensinar os alunos a codificar e decodificar palavras, mas especialmente a buscar torná-los aptos a interpretar corretamente aquilo que está sendo lido (SANTHIAGO, 2018). Para que isso se concretize é necessário que se pratique a leitura de forma constante e isso só é possível quando o aluno toma gosto por esses momentos.

As atividades de contação de histórias podem contribuir para que as crianças despertem esse interesse pela leitura, pois ela permite que o ouvinte compartilhe as próprias vivências e se coloque no lugar dos personagens, tornando assim o momento significativamente importante e simbólico para ele. Além disso, quanto maior o contato com as histórias maior poderá ser a vontade de aprender a ler e escrever.

A autora Santhiago (2018) ressalta a importância de se fazer visitas periódicas à biblioteca com as crianças, em especial na fase de alfabetização. Para essas idas à biblioteca é importante que sejam planejadas atividades de contação de histórias onde os alunos possam participar, contando as suas próprias histórias.

É através dessas atividades de contação que os alunos são instigados a tentar escrever palavras, frases ou textos. A autora afirma que “a contação de histórias desperta a criatividade dos alunos e também os estimula à produção acadêmica de forma prazerosa” (SANTHIAGO, 2018, p.61). As produções dos alunos devem ser constantemente encorajadas, no entanto, o professor deve sempre se lembrar da importância de respeitar o tempo de aprendizagem de cada aluno.

A arte de contar histórias também é uma importante ferramenta na etapa de transição entre o ensino infantil e fundamental, pois como já foi dito, ela tem a capacidade de auxiliar, por meio do lúdico, na aquisição do código linguístico oral e escrito:

Como os primeiros anos do ensino fundamental têm um foco especial na alfabetização dos alunos, contar histórias não só auxiliaria no processo de transição e adaptação, mas também, no processo de aquisição e apropriação do código linguístico oral e escrito por parte das crianças [...] (SANTHIAGO, 2018, p. 63).

Essa estratégia auxilia não só no desenvolvimento escolar, mas também no pessoal. A contação permite que o aluno transforme o abstrato em algo concreto, por exemplo, questões difíceis de serem compreendidas, são exemplificadas por meio de situações concretas nas histórias, fazendo com que os ouvintes tenham maior compreensão de suas próprias vivências e de questões morais. Isso também pode aumentar o interesse do aluno por buscar novas leituras:

Faz-se necessário, para que o aluno se aproprie do código linguístico oral e escrito, que ele tenha contato com diversos textos, desenvolvendo o seu

gosto pela leitura, fazendo com que floresça o interesse por ler novas histórias. Quando o docente utiliza a contação de histórias como ferramenta para despertar nos educandos o gosto pela literatura, automaticamente ele também está contribuindo para que os alunos busquem fazer novas leituras [...] (SANTHIAGO, 2018, p. 64).

Nesse sentido, a contação pode funcionar também como uma alternativa para o letramento. Segundo Kleiman (2010), essa concepção leva em conta as trajetórias singulares dos indivíduos ao se opor ao uso meramente instrumental e funcional da leitura e da escrita. Por isso, a contação de histórias se faz tão importante, pois essa prática consegue abarcar os usos e funções da língua escrita.

A autora Magda Soares (2004), lembra que a alfabetização ocorre simultaneamente por dois processos: pela aquisição do sistema convencional da escrita e pelas práticas sociais que envolvem a leitura como, por exemplo, contar uma história. Por sua vez, essa prática deve estar atrelada a aprendizagem dos fonemas e grafemas. A autora afirma que deve haver um entendimento da distinção e, ao mesmo tempo, da importância desses dois processos para que se possa ter bons resultados referentes à alfabetização.

Em resumo, podemos constatar que contar histórias é uma atividade que pode vir a contribuir na alfabetização de crianças, pois ela aprenderá mais facilmente a ler e escrever a partir de um determinado contexto do que apenas a partir de letras e sílabas desconectadas de sentido. Por isso, é importante que essa prática seja cultivada desde cedo, já durante o Ensino Infantil.

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA

O presente trabalho teve como concepção metodológica a pesquisa de caráter qualitativo, a fim de compreender melhor a importância da prática de contação de histórias, em especial no ensino infantil. A pesquisa de cunho qualitativo, não tem como foco seguir com rigor um plano previamente definido de análise e nem busca produzir dados estatísticos a partir da enumeração de eventos.

[...] a pesquisa qualitativa não procura enumerar e/ ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados. Parte de questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo à medida que o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo. (GODOY, 1995 p. 58).

Considerando esse modelo de pesquisa escolhido, procurei dividi-la em três partes. A primeira parte foi de análise documental em fontes primárias e secundárias a respeito dos marcos legais (Diretrizes Curriculares Nacionais e a BNCC) para a Educação Infantil, além de livros e artigos acadêmicos que tratassem da importância de se trabalhar a modalidade oral do uso da língua a partir da contação de histórias. Em seguida, dei início a segunda parte do trabalho, que foi de observação participante em uma escola de Ensino Infantil da região administrativa do Plano Piloto.

Durante a minha observação, procurei realizar entrevistas livres (não estruturadas) com as professoras, com o intuito de compreender melhor como funcionam as atividades de contação de histórias e como elas enxergam a importância dessa prática para o processo de aprendizagem das crianças.

No presente capítulo, irei comentar sobre as características da escola a partir do Projeto Político Pedagógico organizado pela instituição. E em seguida, falarei um pouco sobre o espaço da biblioteca e as particularidades de cada turma observada a partir da minha vivência no local e de todas as crianças e funcionários presentes.

3.1. Projeto Político Pedagógico da Escola

Para o presente trabalho, foi feita uma observação participante em uma instituição de Ensino Infantil localizada no Plano Piloto. Desde a sua fundação, a escola só precisou passar por uma reforma: ampliação de uma sala de aula, a mudança do parquinho para uma quadra descoberta, instalação de uma piscina e pátio coberto. A vizinhança da região é constituída em sua maioria por servidores públicos federais e distritais. A faixa etária das crianças atendidas é de quatro e cinco anos de idade, distribuídas em dez turmas de primeiro e segundo período.

Com o intuito de melhor orientar e organizar o trabalho pedagógico na escola foi realizado um questionário com as famílias das crianças, pela equipe gestora, no momento da elaboração do Projeto Político Pedagógico. Esse questionário teve como propósito também considerar as necessidades dos alunos como um todo, em especial aquelas minorias que muitas vezes não são contempladas durante os processos pedagógicos. Foram aplicados no total 154 questionários de 18 itens cada, no entanto, algumas famílias não responderam todas as questões.

Em relação à escolaridade dos pais das crianças, a maioria possui ensino médio completo e uma quantidade significativa relatou ter o ensino superior completo também. Apesar disso, um número grande de pais também declarou possuir apenas o ensino fundamental incompleto o que demanda muitas vezes, por parte da escola, a necessidade de uma atenção e dedicação maior em relação aos alunos oriundos dessas famílias. Muitas relataram residir no Plano Piloto/Cruzeiro, mas um número significativo delas também são oriundas de outras regiões administrativas.

A respeito dos aspectos físicos, a escola apresenta uma boa estrutura para atender os educadores e discentes. Apesar disso, no documento do projeto político pedagógico da instituição foi reconhecida a necessidade de mudanças e adequações em alguns espaços físicos, além da construção de outros. No total, a escola apresenta uma sala de informática e biblioteca; uma sala para os professores; cinco salas de aula; uma sala para o diretor; uma sala para o secretário; uma sala para os demais servidores. A instituição conta com banheiros em cada uma das salas de aula para o uso dos alunos e também mais três outros banheiros para os professores, servidores e a direção. A escola também dispõe de

uma quadra pequena; um pátio interno amplo e coberto; um pátio externo; um parque de areia; uma piscina e uma cozinha.

Com base na Constituição Federal e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a instituição adota o princípio da gestão democrática. A LDB prevê a incumbência tanto dos estabelecimentos de ensino, como dos professores, de desenvolver uma articulação e diálogo com a família e a comunidade escolar nas decisões. Além disso, com base na Lei Nº 4.75/2012 que estabelece órgãos colegiados por estabelecimentos de ensino, a escola possui dois órgãos colegiados: a Assembleia Geral Escolar e o Conselho Escolar.

A Assembleia Geral Escolar se trata de uma instância que conta com a participação de todos os membros da comunidade escolar e que tem como objetivo aprovar as prestações de contas dos recursos públicos recebidos pela escola. É por meio dessa assembleia, que são eleitos os membros da diretoria da Associação de Pais e Mestres. Essa Associação de Pais e Mestres busca contribuir para a melhoria dos aspectos físicos da escola, na rotina administrativa e no desenvolvimento dos trabalhos pedagógicos. No entanto, as estatísticas apresentadas pela escola têm mostrado que a participação das famílias na Associação é baixa.

Já o Conselho Escolar, é um órgão deliberativo, consultivo, mobilizador e fiscalizador máximo da escola e que também busca acompanhar e aprovar as prestações de contas dos recursos públicos. O colegiado é composto por pais e servidores, eleitos por segmento, tendo como cargo nato o diretor da instituição educacional.

Entre os recursos mais utilizados pela escola para a comunicação com a família está a agenda, sendo este um meio de troca de informações importantes sobre o aluno. Além disso, são feitas reuniões semestrais com os pais e também reuniões individuais nas terças e quintas pela manhã e a tarde, dependendo da demanda do professor ou da família. Algumas famílias são bem presentes, facilitando o desenvolvimento do processo pedagógico.

No total, a escola conta com duzentos e dezesseis alunos de primeiro e segundo períodos, com turmas no turno matutino e vespertino. Já o quadro de funcionários conta com vinte e seis servidores e três educadores sociais, sendo o corpo docente composto por treze professoras efetivas da SEDF. Dessas professoras, sete estão em regência de classe, uma na coordenação pedagógica, duas na direção, uma na biblioteca/informática, uma readaptada e uma em restrição

temporária. A escola busca sempre proporcionar o apoio necessário além de boas condições de trabalho aos professores, pois acredita que somente dessa maneira será possível oferecer um ambiente de ensino adequado para todos.

A instituição também preza pela qualidade na educação ao possibilitar experiências de aprendizagem que despertam a curiosidade, a criatividade e a sensibilidade, favorecendo dessa maneira o desenvolvimento da criança. Para isso, a escola procura apresentar uma prática pedagógica que inclui discussões coletivas, avaliações e planejamento semanal.

Entre os princípios orientadores das práticas pedagógicas e administrativas, como já foi dito, estão os dispositivos legais. Por isso, o norteamento das diretrizes da escola e da construção de seu projeto político e pedagógico (PPP) está subordinado a documentos como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), Plano Nacional de Educação (PNE) e o Plano Distrital de Educação (PDE).

A LDB, por exemplo, postula que na Educação Infantil a escola deve priorizar o desenvolvimento integral da criança de até cinco anos nos aspectos físico, psicológico, intelectual e social em conjunto com a família. Já o PNE e o PDE apresentam vinte metas para a educação, dentre elas estão as metas um, quatro e seis que tratam diretamente da Educação Infantil. A meta um estipulou a universalização da educação até 2016, enquanto a meta quatro exige o atendimento educacional especializado para estudantes com necessidades educacionais especiais.

Ambas as metas são contempladas pela escola, no entanto, no que diz respeito a meta quatro, a escola ainda apresenta algumas limitações em relação a realização de atividades de inclusão, pois a gestão julga que elas poderiam ser aprimoradas. A única meta não alcançada pela escola é a meta seis, que estabelece a oferta da educação em tempo integral nas escolas públicas, pois há falta de recursos disponibilizados pelo GDF para possibilitar o atendimento integral dos alunos.

O currículo da escola é desenvolvido com base nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, no Currículo em Movimento da Educação Básica e na Base Nacional Comum Curricular. Para contemplar as normas presentes na DCN, a instituição busca priorizar o desenvolvimento das linguagens (matemática, artística, corporal, digital, oral e escrita) e das habilidades de relacionamento interpessoal com o outro e o ambiente a sua volta. Além disso, visando atender as

normas presentes no documento da BNCC, a escola procura garantir os direitos de aprendizagem (conviver, brincar, participar, explorar, comunicar e conhecer-se) considerando as especificidades de cada criança.

Na organização da proposta curricular, busca-se respeitar a autonomia do professor em sala de aula, mas sem deixar de lado o bom planejamento pedagógico feito em conjunto. Na escola optou-se por fazer uma divisão por bimestre das linguagens apresentadas no currículo. Essa proposta curricular leva em conta também que os tempos e espaços de aprendizagem acontecem de formas diferentes.

A organização do trabalho pedagógico da escola ocorre por meio do estabelecimento de projetos coletivos, onde os professores também trabalham com subprojetos individuais ou em duplas, com o objetivo de criar situações de aprendizagem para os estudantes, realizando as mediações necessárias para que os alunos consigam enxergar sentido naquilo que estão aprendendo. Para isso se tornar possível, é aconselhado que os docentes promovam uma integração entre as atividades do ano letivo e esses projetos. Todas as atividades realizadas nos projetos serão expostas na Feira Cultural no mês de agosto.

Entre os projetos desenvolvidos pela escola está o “Brincando com as Letras”, que visa despertar nas crianças o interesse pela leitura e a escrita, além de promover maior interação entre a família e a escola. Entre os objetivos específicos do projeto estão: identificar e nomear as letras, trabalhar músicas em associação à ordem alfabética, estimular a linguagem oral por meio do conto, estimular a escuta de leituras infantis e etc. As atividades desse projeto giram em torno da leitura de histórias infantis, realização de discussões do tema trabalhado e construção de jogos acerca de uma letra designada.

As datas comemorativas e os eventos culturais também são incorporados pela escola em sua prática pedagógica. O planejamento dessas datas é feito com toda a equipe escolar, no início do ano letivo, durante a semana pedagógica. Entre as festas realizadas com a participação de toda a comunidade escolar estão: a festa da família, a festa junina e a confraternização de natal. A escola considera esses momentos importantes para a criação de uma maior aproximação e diálogo com as famílias.

Nessa mesma perspectiva da pedagogia de projetos, a escola promove recursos pedagógicos para o suporte da ação educativa como, por exemplo,

recursos materiais (livros, brinquedos, fantoches e etc.), ambientais e temporais (atividades permanentes, sequência de atividades e atividades ocasionais). Cada turma possui uma escala de horário diferente com momentos de lanche, parque, piscina, vídeo e biblioteca pré-determinados.

Essa organização do trabalho pedagógico é auxiliada pela atividade da coordenação pedagógica que abarca a formação continuada e o planejamento. Esses estudos de formação continuada ocorrem as quartas e, além disso, também são oferecidos cursos como da EAPE. Com relação ao planejamento por período e o individual, dois dias da semana foram reservados para contemplá-los sendo eles terça e quinta. Já o planejamento coletivo é feito na quarta.

Em relação às concepções de avaliação da escola, elas buscam seguir o que foi estabelecido pela LDB de 1996. Por essa perspectiva, busca-se seguir um viés de avaliação qualitativa onde se busca contribuir para a formação da criança e não apenas classificar os alunos e medir as aprendizagens sem levar em conta as especificidades de cada um. Por conta disso, os professores procuram fazer inicialmente um diagnóstico dos alunos, para a partir daí poder realizar uma avaliação sistemática com base nos avanços do desenvolvimento da aprendizagem. Essa avaliação sistemática é feita por meio de observações e registros a respeito dos acontecimentos.

3.2. O espaço da biblioteca

A biblioteca da escola divide o espaço com o laboratório de informática. As aulas costumam intercalar entre aula de biblioteca uma semana e na semana seguinte aula de informática. A biblioteca possui um bom acervo de livros, contendo pouco mais de dois mil e oitocentas (2.800) obras ao total. Além disso, o espaço também dispõe de vídeos e materiais diversos para contação de histórias e empréstimo de livros.

Com o cancelamento do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), o acervo da biblioteca passou a receber apenas livros da Feira do Livro, que costuma ocorrer anualmente. No total, o espaço possui nove microcomputadores enviados pelo Ministério da Educação para atender o Programa de Informática conhecido como Programa Nacional de Tecnologia Educacional (PROINFO). No entanto,

apenas metade dos equipamentos está funcionando, por conta de peças danificadas e defasagem, pois as máquinas precisam de manutenção constante.



Foto 1 – Espaço da biblioteca.



Foto 2 – Estantes de livros da biblioteca.

Nas semanas que ocorrem aulas de biblioteca, as atividades tendem a ser de contação de histórias. A professora costuma usar diversos recursos disponíveis na biblioteca como fantoches, materiais para montagem de cenários, aparelho de som e fantasias. Após a contação de histórias os alunos ficam livres para brincar com os

objetos disponíveis no cenário ou podem optar também por escolher um livro para olhar. No final da aula, eles costumam escolher um livro para pegar emprestado, no entanto, somente os estudantes que estão com a devolução em dia podem levar outro livro para casa.

3.3. As turmas observadas

Nas visitas à escola, realizadas durante o mês de outubro desse ano, foram observadas todas as turmas do período vespertino. No total são três turmas de primeiro período e duas turmas de segundo período. Cada turma é identificada pela cor da porta da sala: as salas vermelha e laranja são de segundo período, já as salas amarela, azul e verde são de primeiro período.



Foto 3 – Corredor das salas de aula do Ensino Infantil.

No primeiro dia de visita, foi observada a turma da sala laranja, do segundo período, composta por vinte e cinco (25) alunos ao todo, nenhum deles possui necessidades educacionais especiais, a professora apenas relatou que uma aluna tem apresentado mais dificuldades para acompanhar algumas atividades da turma, pelo fato de ter iniciado as aulas na escola apenas no segundo semestre, o que é considerado normal já que cada aluno apresenta um histórico e ritmos de aprendizagem diferentes.

Questionada a respeito da frequência de atividades relacionadas a contação de histórias, a professora respondeu que elas são realizadas de forma recorrente

sempre no início das aulas. No primeiro dia da semana, em geral, as crianças são incentivadas a contar as próprias histórias para a turma. Pode ser tanto um livro que a família leu para elas ou algum fato relevante que ocorreu no final de semana. Nos outros dias, a professora costuma recorrer aos livros da biblioteca para preparar as aulas de contação. Nessa sala, foram acompanhados dois momentos de contação de história, em dias diferentes.

A segunda turma visitada nesse primeiro dia de observação foi a turma da sala azul, do primeiro período, composta por vinte e dois (22) alunos no total, nenhum deles apresenta necessidades educacionais especiais. Em relação à frequência dos exercícios de contação de histórias, a professora comentou que procura sempre desenvolver atividades nesse sentido e que também utiliza parlendas e poesias para trabalhar com os alunos. Essa mesma turma também foi acompanhada em outro dia de observação na escola, mas dessa vez as crianças estavam na aula de contação na biblioteca. Em ambos os dias, a turma estava agitada, mas na biblioteca um pouco menos.

No segundo dia de visita na escola, foi observada a turma de primeiro período da sala amarela composta por vinte e três (23) alunos ao todo. A turma também não contém nenhum aluno com necessidades educacionais especiais, no entanto, a professora relatou que suspeita que dois alunos possam ter algum grau de autismo, apesar disso, ambos não apresentam diagnóstico o que dificulta o acesso a um educador social para auxiliar o trabalho da professora. Foi relatado também que as atividades de contação de história são realizadas com frequência.

Essa turma foi acompanhada em dois momentos diferentes: um em uma aula de contação ministrada pela professora e outro em uma aula ministrada pelas alunas da Universidade de Brasília, que fazem parte do projeto “Livros Abertos”. Nesse segundo dia de visita, também foi observada a turma de primeiro período da sala verde. Trata-se de uma turma reduzida, contendo apenas quinze (15) crianças ao total, para poder atender melhor dois alunos com necessidades especiais, ambos com laudo de autismo.

No dia seguinte, a turma de segundo período da sala vermelha foi acompanhada. Nessa turma, a professora conta com a ajuda de um educador social para auxiliá-la nos trabalhos com os alunos. Ela relatou que costuma aplicar diariamente na turma atividades de contação de histórias, com exceção da sexta-feira, dia do brinquedo.

CAPÍTULO 4

DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES

O presente capítulo tem por objetivo descrever as atividades de contação de história observadas nas cinco turmas de 1º e 2º período, da escola de Ensino Infantil, descrita no capítulo anterior. Das cinco turmas existentes, três são de 1º período, sendo uma delas reduzida para poder atender dois alunos com necessidades especiais, e duas de 2º período.

As aulas nessa escola, no período vespertino, têm início às 13h15 e término às 18h15. Cada turma possui uma rotina própria, com horário de refeição, brincadeira, atividade ao ar livre e em sala já pré-estabelecidos. A coordenação pedagógica orienta os professores a diariamente desenvolverem atividades relacionadas a oralidade, como a contação de histórias. Inclusive, a escola abriu espaço para o projeto “Livros Abertos”, desenvolvido pela Universidade de Brasília, onde as alunas, toda semana, às quintas-feiras, realizam uma atividade de leitura dialógica com os alunos.

Durante as observações, foram registradas as estratégias utilizadas pelas professoras para despertar o interesse e a participação das crianças, durante a contação de histórias, e as atividades aplicadas posteriormente. Além disso, elas foram questionadas sobre o propósito educativo que dão para essas atividades.

Aula da sala laranja

Nessa turma de 2º período, foram acompanhados dois momentos de contação de histórias diferentes. No primeiro dia de observação, os alunos se mostraram mais agitados, pois era dia de tirar fotografias para a formatura. No segundo dia a professora conseguiu despertar mais a atenção da turma e desenvolver uma atividade relacionada com a história após a contação.

O livro escolhido nesse primeiro dia de observação foi o “Adivinhe se puder”, da Eva Furnari. A todo o momento, durante a contação, a professora buscou envolver a participação de toda a turma na adivinhação das palavras dando oportunidade para que todos falassem na sua vez. Apesar de em alguns momentos

as crianças terem se dispersado, elas se mostraram atentas e participativas durante a atividade. O que mais chamou atenção, durante a contação, foi o fato de uma das crianças ter conseguido identificar uma palavra contida no livro. Isso ocorreu pelo fato dela ter memorizado os símbolos gráficos daquela palavra.

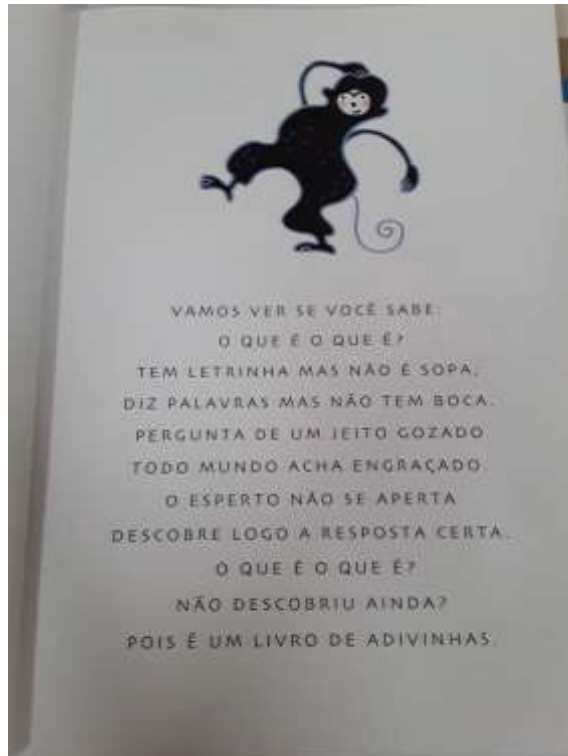


Foto 4 – Trecho do livro “Adivinhe se puder”

A professora relatou buscar também já familiarizar as crianças com as vogais e o alfabeto. E com a ideia de que a junção de duas vogais ou de uma consoante com uma vogal forma uma sílaba e que essas sílabas podem dar origem a diferentes palavras. Essas ideias são trabalhadas aos poucos variando com a curiosidade das crianças. Nessa fase, o que mais costuma ser trabalhado é a consciência fonológica das crianças no decorrer das aulas e principalmente por meio de atividades que exploram a questão da oralidade.

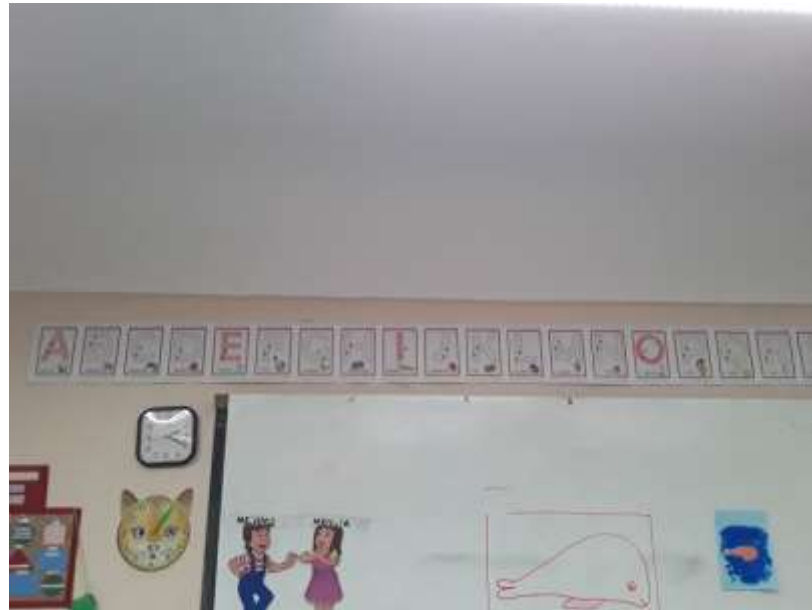


Foto 5 – Colagem na parede do quadro com o alfabeto.



Foto 6 – Colagem na parede com as vogais e as sílabas formadas por vogais.

Nessa sala também havia uma cesta contendo livros e revistinhas infantis para o uso comum da turma. Na maior parte das vezes, esses livros são da própria escola, mas em alguns casos são cedidos pela família de algumas crianças. No horário livre todos podem dispor desses materiais.



Foto 7 – Cesta de livros da sala laranja.

Após esse primeiro exercício de leitura dialógica, a professora deu início a uma atividade de desenho com as crianças, onde elas tinham que ilustrar uma história. Ela, inicialmente, contou um trecho e pediu para que elas ilustrassem como interpretavam essa passagem. Durante a contação, a docente utilizou a mímica como estratégia para que os alunos compreendessem melhor alguns detalhes do enredo, como por exemplo, o momento em que uma planta brota da terra.



Foto 8 – Capa do livro de ilustrações.



Foto 9 – Ilustração feita por uma das crianças.

Em outro dia de visita à escola, foi acompanhado outra aula de contação de histórias nessa turma. Dessa vez, as crianças se mostraram menos agitadas e mais envolvidas na atividade. O livro escolhido dessa vez foi “Leo e a baleia”, de um autor estrangeiro chamado Benji Davies. A sinopse do livro diz que “Esta é a história de um menino solitário, um filhote de baleia e uma amizade que vai mudar as duas vidas para sempre”.



Foto 10 – Capa do livro “Leo e a baleia”, de Benji Davies.

Após as crianças sentarem em roda, a professora começou questionando se elas têm ou já tiveram algum animal de estimação. Depois do relato de todas as

crianças, a professora deu início à leitura. A turma o tempo todo se mostrou bastante curiosa a respeito da história e entusiasmada em participar.

No decorrer da história, alguns alunos conseguiram identificar determinadas palavras contidas em certas páginas do livro como “baleia” presente no título. A professora também procurou trabalhar, no decorrer da contação, com a consciência fonológica das crianças. No final, um dos meninos levantou o dedo e relatou lembrar-se de uma história semelhante que a família contou para ele.

Após o término da contação da história, a professora pediu que todos escolhessem um papel colorido para ilustrar a baleia da capa do livro. A partir do momento que as crianças foram terminando de desenhar, a professora ia entregando uma folha em branco, para que produzissem uma capa semelhante a do livro. Ela fez um modelo e colocou no quadro para servir de exemplo. Primeiro, foi pedido que as crianças assinassem o nome, recotassem a baleia que elas ilustraram e colassem na folha. Após essa etapa, elas receberam um pincel com tinta azul para pintar.

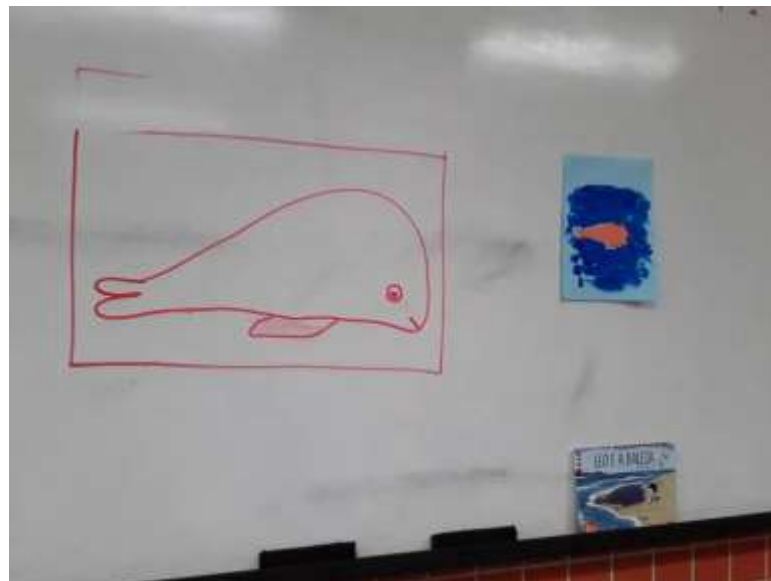


Foto 11 – Esboço do desenho da baleia no quadro.



Foto 12 – Colagem e pintura feita por uma das crianças.

Enquanto as crianças realizavam a atividade, a professora comentou a respeito da contação de uma história que ela havia realizado, no dia anterior, do livro “Os três palitos”, da autora Ana Neila Torquato. Entre as temáticas trabalhadas nessa obra estão: a importância da amizade, da força do trabalho em equipe e da perseverança em busca dos objetivos.

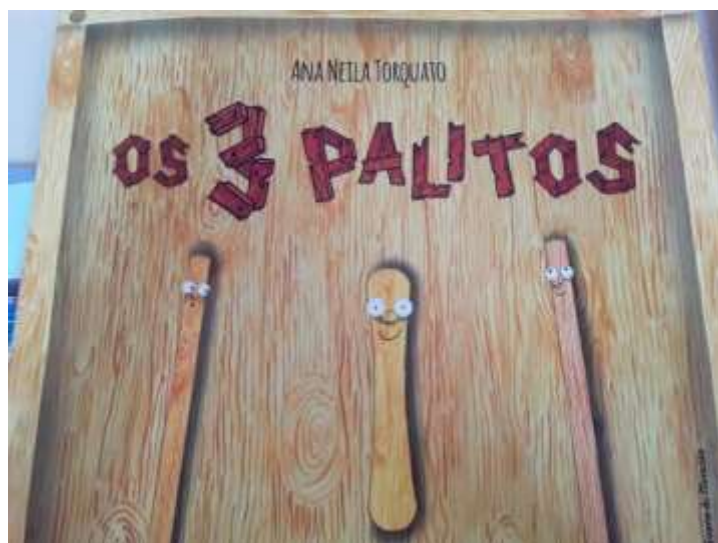


Foto 13 – Capa do livro “Os três palitos”, da autora Ana Neila Torquato.

Na sinopse do livro consta que a “história conta as aventuras de três amigos palitos que queriam ser algo além de simples palitos de picolé. Juntos, eles encontram uma alternativa para realizar seus sonhos, viver diferentes experiências e, no momento de descansar, voltam a sua origem: a natureza.”.

A natureza permeia o tempo todo a narrativa, mesmo que de forma sutil, por exemplo, a autora procurou falar a respeito da origem dos palitos, que é a madeira da árvore. A partir disso, surge a oportunidade de tratar a respeito de assuntos ligados ao cuidado e a preservação do meio ambiente. No decorrer da história, trabalhou-se também, de forma lúdica e despretensiosa, a letra “A” do alfabeto.



Foto 14 – Trecho do livro “Os três palitos”, da autora Ana Nelia Torquato.



Foto 15 – Colagem e ilustração feita por uma das crianças.

Muitas atividades e reflexões podem ser feitas a partir das temáticas exploradas pelo livro. No caso dessa professora, ela optou por fazer um trabalho de colagem e ilustração com os alunos utilizando palitos de picolé. Foi sugerido por ela que as crianças desenhassem a cena da história que elas mais gostaram ou se identificaram.

Aula da sala amarela

A sala amarela é composta por uma turma de 1º período. Nessa sala, foram acompanhados dois momentos de contação de histórias. No primeiro dia, foi observada uma aula de contação realizada pela própria professora. Já no segundo dia, foi acompanhado um momento de contação ministrado por algumas alunas da Universidade de Brasília e que fazem parte do projeto “Livros Abertos”.

No primeiro dia de visita a essa turma, a professora escolheu para o momento de contação de história o livro “Não é sua, é minha!”, da autora Susanna Moores. A professora relatou, posteriormente, que optou por trabalhar essa história com a turma com o intuito de conscientizar os alunos sobre a importância de dividir os pertences pessoais, pois ela vinha observando a dificuldade de algumas crianças em compartilhar os brinquedos.

Para dar início a atividade de contação de histórias, a professora busca sempre se utilizar de recursos como o som de instrumentos musicais e cantigas de roda. Essa é uma forma que ela encontrou para despertar a atenção e o interesse dos alunos pela atividade. No momento da cantiga, todos participaram cantando juntamente com a professora.



Foto 16 – Capa do livro “Não é sua, é minha!”, da autora Susanna Moores.

Após o término da cantiga de roda, a professora deu início a contação da história. Durante todo o momento, os alunos se mostraram interessados pelo livro e houve poucos momentos de dispersão. A professora também abriu espaço para a participação da turma durante toda a atividade. Todos puderam contribuir com seus questionamentos e percepções a respeito da história.

Em um determinado momento, uma das crianças conseguiu identificar a frase “é minha” presente no meio da história. O reconhecimento dessa frase se deu a partir da memorização de seu símbolo gráfico, pois ela já tinha sido bem destacada na apresentação do título, ou seja, não era a primeira vez que ela aparecia no livro.

As ilustrações contidas no livro também foram um aspecto bastante explorado durante a prática da contação, auxiliando as crianças na interpretação da história. Ao final da atividade, as crianças foram questionadas a respeito do brinquedo que mais gostam e mais uma vez foi falado a respeito da importância de dividir os pertences com os colegas e dessa maneira, evitar atitudes egoístas.

A professora costuma dar muita importância para a escolha de livros que transmitam uma mensagem e que sirvam de exemplo e aprendizado para as crianças nas suas vidas e atividades cotidianas. Em relação a contação da história feita nesse dia, eu tive a impressão positiva de que as crianças conseguiram compreender a moral por trás dela.

O exercício proposto pela professora, após o término dessa atividade, foi de desenho e colagem. Primeiro, ela entregou a cada criança uma folha colorida e pediu que desenhassem o brinquedo preferido delas e assinassem o nome. Para minha surpresa, muitas crianças já sabiam assinar o nome sem o auxílio da ficha de apoio. À medida que iam terminando, a professora entregava uma folha em branco e pedia para que escrevessem o título da história. Nessa folha, o nome delas já vinha identificado à caneta.



Foto 17 – Cantinho de leitura da sala amarela.

Para que fosse possível a realização dessa etapa da atividade, a professora escreveu no quadro, bem grande e em letra de forma, o título do livro. Ela explicou que, apesar dos alunos ainda estarem no 1º período do Ensino Infantil, ela acredita ser importante que eles tenham esse contato aos poucos com a prática da escrita e também, com a familiarização das letras e seus sons.

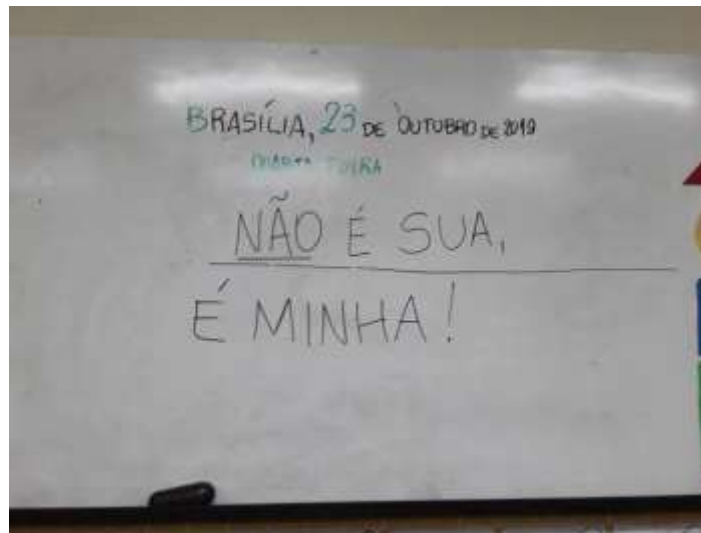


Foto 18 – Título da história escrito no quadro pela professora.

Ela também ressaltou a importância de respeitar o ritmo e as particularidades de cada criança e eu pude perceber isso na prática, pois em nenhum momento ela

sugeriu que alguém refizesse ou escrevesse novamente. Ao final da atividade, todos foram incentivados e parabenizados pelos trabalhos feitos.



Foto 19 – Exemplo da atividade realizada por uma das crianças.

No segundo dia de visita nessa sala, foi acompanhada a aplicação do projeto da Universidade de Brasília “Livros Abertos”. Nesse semestre, três alunas estão desenvolvendo as atividades nessa escola: duas delas são do curso de Pedagogia e uma de Letras. Uma das estudantes comentou que, na visão dela, aquela atividade não se tratava exatamente de uma contação de história, mas sim de uma leitura dialógica. O livro escolhido pelas alunas foi “Quem vai ficar com o pêssego?”, de Yoon Ah-hae e Yang Hye-Won.



Foto 20 – Livro lido pelas alunas do projeto “Livros Abertos”.

Durante toda a realização dessa atividade, os alunos foram instigados a participar e de modo geral, houve poucas dispersões. Inclusive, uma das crianças chegou a pedir silêncio a alguns colegas que estavam mais agitados. Apesar de todos terem se mostrados curiosos em relação ao livro escolhido pelas estudantes para a atividade, algumas crianças optaram por pegar outros livros para ver. Uma delas parecia estar “lendo” e interpretando a história a partir das figuras e ilustrações contidas no livro.

A estudante da UnB, que estava lendo a história, adotou a técnica de usar diferentes tons de voz para representar cada um dos personagens. O livro escolhido para essa atividade, também permitia que fosse exercitado com as crianças noções do que é ordem crescente e decrescente, além das medidas e grandezas como, por exemplo, a ideia do que é maior e do que é menor. Tudo isso, são competências importantes de serem trabalhadas nessa etapa de aprendizagem.

Aula da sala azul

Nessa turma de 1º período, foram observados dois momentos de contação de histórias distintos: um em sala de aula e outro na aula de biblioteca. Já nos momentos de observação, era notória a agitação e dispersão da turma. A professora era menos experiente, em relação a algumas professoras de outras turmas e por conta disso, ela pode ter tido mais dificuldades com a questão da disciplina das crianças.

Antes de começar a contar a história, a professora utilizou a estratégia de cantar uma música para que, dessa forma, as crianças associassem que aquele era o momento de contação. O livro escolhido para a atividade foi “Brincando de arco-íris”, do Fábio Sombra. Durante todo o momento, a professora procurou despertar o interesse da turma pela história, além de incentivá-los a participarem.



Foto 21 – Capa do livro “Brincadeira de arco-íris”, de Fábio Sombra.

O livro busca trabalhar a noção das cores e tudo o que pode estar relacionado a elas como, por exemplo, a cor verde está associada a grama, limão, agrião e etc. Com isso, o livro instiga as crianças a pensarem em coisas, animais e objetos que possuem a mesma cor, auxiliando dessa forma o exercício da memória. A professora aproveitou também para exercitar com os alunos a identificação de palavras com sons semelhantes por meio de rimas, também contidas no livro.



Foto 22 – Trecho do livro “Brincadeira de arco-íris”.

Ao final da atividade, a professora conversou com os alunos sobre o livro, no entanto, não foi proposto nenhum outro exercício relacionado a contação de histórias. No final da aula, a docente ressaltou o problema da falta de disciplina dos alunos e argumentou que isso ocorre por se tratar de uma turma de primeiro período, que ainda está se adaptando às novas dinâmicas do Jardim de Infância.

Aula da sala verde

No dia da observação na sala verde, a educadora contou a história do livro “Como pegar uma estrela”, do autor Oliver Jeffers. Assim como a professora da sala amarela, ela escolheu como estratégia, para chamar atenção da turma, o uso de uma cantiga de roda. Durante a contação, os alunos se mostram curiosos a respeito da história, fazendo questionamentos e participando ativamente.



Foto 23 – Capa do livro “Como pegar uma estrela”, de Oliver Jeffers.

Apesar do momento da contação ter sido satisfatório, um dos alunos, com laudo de autismo, acabou não sendo tão incluído na atividade, pois ele ficou todo o tempo com a educadora social, sem se juntar às demais crianças. Isso pode ter ocorrido também pelo fato dele estar mais agitado naquele dia, mesmo assim, deveria ter sido sugerido, para ele, algum outro tipo de atividade relacionada a contação. A educadora social, por exemplo, poderia ter lido outra história para ele em voz mais baixa ou dado a opção dele escolher algum livro para folhear.



Foto 24 – Ilustração feita por uma das crianças.

No momento seguinte, após a contação da história, a professora aplicou um exercício complementar para as crianças em que elas deveriam desenhar a parte da história que mais gostaram ou se identificaram. No entanto, o exercício poderia ter sido melhor elaborado para permitir que os alunos explorassem mais a motricidade e a prática da escrita. Por exemplo, em vez da professora escrever o nome dos alunos no exercício, eles já deveriam ser incentivados a tentar redigi-los, a partir do auxílio de uma ficha contendo o nome de cada um em letra de forma.

Aula da sala vermelha

No dia da observação da turma de 2º período da sala vermelha, os alunos estavam bem agitados por se tratar de uma sexta-feira, dia do brinquedo. A professora estipulou que sempre na sexta-feira, as aulas seriam mais livres e com menos atividades planejadas para permitir a brincadeira e a interação entre os alunos. No entanto, como já havia sido planejado previamente a minha observação naquele dia, ela selecionou um livro especialmente para aquele momento. O livro “Sapo comilão”, dos autores Stela Barbieri e Fernando Vilela, trata da história de um sapo que cansado de comer apenas grilos, moscas, vaga-lumes e outros insetos, decide experimentar outros tipos de comida como frutas e verduras.



Foto 25 – Capa do livro “Sapo comilão”, de Stela Barbieri e Fernando Vilela.

A escolha dessa obra para o momento da contação foi proposital, pois a professora queria fazer um trabalho de interdisciplinaridade com o projeto da turma sobre alimentação saudável. Inclusive, na sala de aula, havia várias figuras com o nome de algumas frutas, verduras e leguminosas. Nesse caso, as palavras seriam memorizadas a partir da associação entre os seus símbolos gráficos e as imagens.



Foto 26 – Figuras com seus respectivos nomes.

Durante a contação, as crianças se mostraram interessadas na atividade, ocorreram apenas distrações normais. Enquanto a professora contava a história, em certos momentos, alguns alunos fizeram mímicas e sons imitando as passagens do livro. No final, quando apareceu uma jabuticabeira na história, um deles se lembrou das árvores com frutos existentes na cidade e na vizinhança da escola. Isso mostra o quanto a rotina de contar histórias pode ser positiva, pois ajuda no desenvolvimento da memória e na percepção sobre a realidade a sua volta.

Aula de biblioteca

No dia de observação da aula na biblioteca, a turma que compareceu para assistir foi a da sala azul. A professora bibliotecária explicou que sempre procura enfeitar a sala com a temática do livro. Em algumas aulas, ela costuma contar a história com o auxílio de fantoches e em outras, recorre a encenação teatral com a participação de todos. Para aquela semana, ela havia planejado uma contação feita a partir da apresentação de uma peça de teatro.

Inicialmente, quando os alunos entraram, estavam muito agitados, isso comprometeu o bom andamento inicial da aula. Essa turma, em geral, costuma ter problemas com a disciplina. Para contornar isso, a professora conversou com eles sobre a importância da cooperação de todos para o bom andamento da atividade. Primeiro, a bibliotecária fez uma breve introdução sobre a temática da história e em seguida, convidou alguns alunos para participarem da encenação. Normalmente, ela costuma chamar quem ainda não participou de nenhuma atividade antes.



Foto 27 – Figurinos utilizados durante a apresentação.

Enquanto os alunos escolhidos se caracterizavam para o momento da encenação, os outros ficaram sentados aguardando, ouvindo cantigas que a professora colocou no aparelho de som da sala. A música foi utilizada como um elemento auxiliar nesse momento para evitar dispersões. Quando os alunos já estavam devidamente caracterizados, a professora pediu para que o restante da turma fechasse os olhos, isso gerou nas crianças maior curiosidade sobre o que iria acontecer. Assim que todos abriram os olhos, os personagens da história foram apresentados.

Durante a apresentação da peça, a professora narrava a história e em voz baixa ditava o que cada um deveria fazer ou falar no momento da encenação do seu personagem. Em relação a outra aula assistida nessa mesma turma, foi notória a diferença de comportamento. Isso pode ter ocorrido por causa da estratégia utilizada pela docente para contar a história. Com isso, as crianças se mantiveram atentas e participativas durante todo o momento, mesmo aquelas que não atuaram diretamente na peça.



Foto 28 – Livros disponibilizados para empréstimo.

No final da contação, todos ficaram livres para brincar com os objetos cenográficos do palco improvisado. Antes de voltarem para a sala, a professora chamou cada um para escolher um livro para levar. Sempre quando eles têm aula de biblioteca, há esse costume de pegar uma obra emprestada para ler em casa com a família ou sozinhos, pois mesmo não sabendo ler, eles conseguem criar as próprias histórias a partir da visualização das imagens. A docente relatou inclusive já ter presenciado os alunos contando histórias um para o outro a partir das ilustrações contidas no livro.

CAPÍTULO 5

REFLEXÃO ACERCA DAS ATIVIDADES

Neste capítulo, procurarei responder os objetivos designados para essa pesquisa a partir das análises feitas durante o período de observações na escola, descritas no capítulo anterior. O objetivo geral era mostrar a importância da contação de histórias como recurso lúdico e didático. Em um primeiro momento, busquei exemplificar como essa prática pode ser inserida no cotidiano escolar, tomando como base a realidade vivenciada na escola.

Em seguida, tratei das principais técnicas utilizadas pelas professoras durante as aulas. E por último, procurei mostrar como a rotina de contar histórias, somada também à aplicação de atividades complementares, pode vir a facilitar futuramente as crianças durante a alfabetização. Em minhas análises, busquei sempre tomar como base os estudos bibliográficos já realizados anteriormente.

Para melhorar a compreensão, foram feitas algumas entrevistas livres (não estruturadas) no período em que as professoras estavam ministrando a aula ou durante o intervalo. Nesse sentido, as conversas ocorreram da maneira mais natural possível, dando flexibilidade ao diálogo de modo a permitir que as entrevistadas pudessem se aprofundar sobre as questões. Dessa forma, as professoras tiveram mais liberdade para relatar o dia-a-dia das aulas e das atividades relacionadas a contação de histórias.

A oralidade e a contação de história no cotidiano escolar

As práticas que envolvem o desenvolvimento da oralidade, como a contação de histórias recebe grande atenção nessa escola de Ensino Infantil. Todas as professoras são incentivadas a trabalharem diariamente com atividades que envolvam o ato de contar histórias, que de alguma forma possam contribuir tanto para o desenvolvimento escolar, como pessoal dos discentes.

O corpo docente demonstrou reconhecer a importância da contação de histórias para tratar de situações cotidianas vivenciadas pelas crianças, a partir da ligação entre a ficção e o real. Um exemplo disso foi a professora da sala amarela que optou por contar uma história que tratava da importância de dividir os pertences pessoais com o outro. Ela escolheu trabalhar com o livro infantil “Não é sua, é

minha!”, da autora Susanna Moores, após perceber a dificuldade, por parte de alguns alunos, de dividir os materiais escolares e brinquedos.

Algumas professoras buscaram realizar um trabalho interdisciplinar entre a atividade de contação com alguns projetos desenvolvidos pela escola. As referências bibliográficas, que tratam dessa temática, ressaltam a importância da prática de contação de história estar articulada com outros campos de saberes. A professora da sala vermelha, em especial, procurou trazer uma história que tivesse relação com o projeto acerca da alimentação saudável.

A maior parte das professoras também demonstrou se preocupar em planejar atividades de contação com uma intencionalidade educativa clara. Por isso, ao contar uma história elas procuravam explorar os fonemas (unidades sonoras) e grafemas (símbolo gráfico) usados para constituir as palavras. Por exemplo, a professora da sala laranja no momento da contação buscava trabalhar com as crianças as unidades linguísticas menores das palavras.

Além disso, algumas crianças conseguiam identificar uma palavra a partir da memorização dos seus símbolos gráficos, ou seja, das letras que compunham aquela palavra. O conhecimento prévio das crianças das vogais e do alfabeto, trabalhado pela professora, também facilitaram essas atividades. As professoras das salas amarela e azul adotaram o mesmo tipo de estratégia didática durante a atividade. A professora da sala azul, por exemplo, trouxe uma história que permitia o exercício de identificação de palavras com sons semelhantes por meio de rimas.

Nesse sentido, o próprio documento da Base Nacional Comum Curricular lembra que a aquisição de conhecimentos nessa fase escolar não pode ficar circunscrita a um processo de desenvolvimento espontâneo apenas. Por isso, a importância, como foi dito, de se planejar atividades com um propósito pedagógico claro. No caso dos exercícios relacionados a contação de histórias, existe a possibilidade de se trabalhar tanto com aspectos ligados a inserção da criança na cultura escrita como com habilidades ligadas a sociabilidade.

Em relação a esse aspecto ligado a sociabilidade, a contação de histórias permite que o convívio com o outro seja trabalhado por meio da interação entre o narrador da história e os ouvintes ao propor a participação de todos na atividade. Todas as professoras procuraram despertar o interesse das crianças pela história a partir da participação ativa durante o momento da contação. Na aula de biblioteca, em especial, a professora conseguiu, usando-se da representação teatral, incluir as

crianças diretamente na contação da história. Essa estratégia inclusive facilita o entendimento delas, pois nessa idade elas têm mais facilidade para compreender a linguagem simbólica, como a dramatização ou desenho, do que a linguagem literal.

Esses exercícios que envolvem o trabalho com a oralidade são essenciais para que ocorra uma transição sem grandes dificuldades entre essa etapa escolar e a fase de alfabetização dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Apesar disso, é importante recordar que o Ensino Infantil não deve ser visto apenas como um estágio de preparação para o ingresso no Ensino Fundamental, pois essa etapa de ensino também tem uma particularidade e relevância própria. Nesse sentido, as atividades elaboradas pelos docentes não devem ter um foco classificatório ou de retenção, respeitando dessa maneira, o tempo e as particularidades de cada criança. Nas minhas observações, pude perceber que as professoras buscam colocar isso em prática.

As técnicas utilizadas para a contação de histórias

Como já foi frisado em capítulos anteriores, as referências bibliográficas sobre o tema destacam que entre as técnicas aconselhadas a se usar para uma boa contação de histórias está a escolha de um espaço físico adequado e um ambiente aconchegante sem distrações externas. Em relação a esse aspecto, a escola atende as necessidades, pois o ambiente das salas é adequado, espaçoso e possui um bom isolamento acústico.

Além disso, recomenda-se também a utilização de fantoches para facilitar a narração e despertar o interesse dos alunos pela história. A respeito disso, não foi observado nenhuma aula que contemplasse o uso de fantoches, no entanto, a professora da biblioteca relatou que dispõe desse material na escola e que costuma utilizá-lo em algumas aulas. É aconselhado também que os contadores não façam descrições muito detalhadas da história para permitir que as crianças possam exercitar a própria imaginação ao recriar as situações. A visualização das ilustrações do livro auxiliam os ouvintes nesse sentido também.

Com relação a esses aspectos, as professoras no geral se atentaram bastante, pois elas não faziam uma simples leitura ou descrição aos mínimos detalhes da história contida no livro, ao invés disso, elas procuravam realizar uma leitura mais dinâmica e contextualizada, se apoiando nas figuras e imagens contidas

no livro, fazendo o tempo todo questionamentos às crianças a respeito dos fatos narrados, envolvendo assim a participação de todos. Essa é outra técnica importante utilizada para auxiliar o momento de contação de histórias.

Enquanto as questões fechadas auxiliam na memorização de situações específicas da história, as questões abertas permitem que o professor crie uma relação entre a história e a vivência dos alunos. A professora da sala amarela, em especial, soube explorar bastante isso ao recorrer a uma história que tratava de um tema a respeito de um problema vivenciado pela turma no dia-a-dia, que era a dificuldade de dividir e emprestar os brinquedos e materiais escolares.

Nesse sentido também, como já foi tratado na bibliografia sobre o tema, é essencial que o professor leve em conta o contexto na qual estão inseridos os alunos e o estágio de aprendizagem de cada um deles, antes de escolher um livro para trabalhar com as crianças. Por isso, o ideal é preparar a aula de contação com antecedência, pensando no tipo de atividade que irá propor aos alunos posteriormente também. No início da aula, antes de começar a contação, é importante que o professor faça uma pré-leitura com os alunos sobre o tema da qual trata a história já sinalizando os pontos principais.

Na primeira turma observada, na sala laranja, a professora não tinha preparado uma atividade de contação específica para aquele dia e por conta disso, o livro que ela escolheu, sobre adivinhações, talvez não fosse o mais adequado para aquela faixa etária de cinco anos em média. No entanto, mesmo com certa distração da turma e dificuldade para responder algumas charadas, todos foram encorajados a participar e dar seus palpites, as ilustrações contidas no livro também ajudaram nesse sentido.

Ao final, era notório que alguns dos alunos já não estavam demonstrando tanto interesse pelo livro como no início da contação. Isso mostra que o tempo demandado para a contação não deve ser muito longo, pois nessa idade as crianças tendem a se dispersar mais. Mesmo não tendo aplicado posteriormente nenhum exercício específico relacionado a história contada, a professora procurou trabalhar, durante a contação, com a consciência fonológica das crianças e a identificação das letras iniciais das palavras.

No meu segundo dia de observação dessa turma, era possível perceber uma diferença em relação a primeira aula, pois nessa era mais nítido uma preparação anterior, por parte da professora, para aquele momento de contação e da atividade

implementada posteriormente. Com isso, ela conseguiu fazer uma pré-leitura com as crianças a respeito do livro aproveitando também para questioná-las sobre questões relativas à temática abordada. Esse preparo anterior possibilitou que a professora explorasse mais elementos da história com os alunos e isso se refletiu também em menos dispersão no momento da contação.

Atividades desenvolvidas pelos alunos

A familiaridade das crianças com a contação de histórias também pode despertar um maior interesse pela leitura e a escrita futuramente. No entanto, para isso é necessário que os professores reconheçam a importância da contação de histórias para o desenvolvimento do aluno como um todo, ou seja, essa prática não deve ser vista apenas como um momento de lazer ou distração.

É importante que os docentes busquem planejar atividades complementares a contação de histórias, onde os alunos tenham a oportunidade de exercitar a criatividade e possam assim, expressar o entendimento deles sobre a história ou fazer um paralelo entre a sua realidade pessoal e a dos personagens. Além disso, esses exercícios permitem que as crianças pratiquem a motricidade, o que poderá futuramente facilitar a inserção delas no mundo da escrita.

Nessa instituição de ensino infantil, as professoras, de maneira geral, conseguem fazer um bom trabalho nesse sentido. Existe um comprometimento desde a escolha do livro adotado até ao planejamento da atividade em si. Como já foi comentado anteriormente, a professora da sala laranja, por exemplo, além de se preocupar em inserir os alunos no contexto da prática da contação e familiarizá-los com os fonemas e grafemas das palavras, ela também estabelecia atividades complementares após as contações de histórias, para que assim os alunos pudessem ter a oportunidade de fixar o entendimento sobre o temática abordada e treinar a capacidade motora.

A professora da sala amarela, por sua vez, sempre busca trabalhar com as crianças, nas atividades complementares, aspectos relacionados à autonomia e a motricidade ao já habituá-los a prática da escrita do nome ou da cópia do título do livro. Ambas as professoras procuraram, durante a aplicação dessas atividades, respeitar o ritmo e individualidade de cada criança, pois cada um responde ao que é pedido de maneira diferente, por exemplo, algumas crianças ainda podem

apresentar mais dificuldade ao escrever o nome ou demandar mais tempo para terminar o exercício.

Em relação a sala verde, a professora também optou por aplicar uma atividade complementar após a contação de história, no entanto, ela poderia ter dado mais autonomia aos alunos para tentarem escrever o próprio nome e dessa forma treinarem a motricidade, ao invés disso, ela mesma escreveu o nome deles na ficha. Quando as crianças são habituadas desde cedo a tentar copiar letras ou palavras, o ato de escrever futuramente poderá se tornar menos penoso.

Na sala azul, a professora apesar de ter feito um bom trabalho com os alunos durante a contação de histórias, ela não desenvolveu com as crianças nenhum outro tipo de atividade complementar. Talvez isso possa ter ocorrido por falta de planejamento para aquela aula, pois muitos conteúdos poderiam ser explorados a partir da temática principal do livro. Já no dia da observação na sala vermelha, por ser sexta-feira, dia do brinquedo, a professora não aplicou nenhum tipo de atividade complementar para os alunos após a contação da história, pois eles estavam muito agitados. Mas mesmo assim, ao contar a história a docente buscou fazer um trabalho interdisciplinar ao escolher um livro com uma temática semelhante ao projeto trabalhado com os alunos anteriormente.

A última aula observada foi na biblioteca, a professora bibliotecária não aplicou nenhum tipo de atividade complementar após contar a história, pois tudo foi planejado para que a contação se desse por meio de uma apresentação de teatro, onde as crianças deveriam atuar como os personagens da história. Essa atividade ultrapassou de certa forma a prática dialógica de contação de história praticado pelas demais professoras, pois contou com a participação ativa dos alunos durante todo o momento.

De maneira geral, essas atividades realizadas pelos alunos podem contribuir de maneira muito positiva para o desenvolvimento das crianças em diversos aspectos, mas além de tudo, elas também auxiliam o docente a fazer uma avaliação qualitativa da aprendizagem do aluno ao longo do ano. Esses exercícios podem envolver tanto um desenho ou pintura sobre algo relacionado à temática do livro ou até mesmo a professora pode sugerir que eles contem uma nova história por meio de ilustrações.

Essa prática de contar uma história por meio de ilustrações, por exemplo, é importante, pois estimula os alunos a buscarem criar e contar as próprias histórias,

permitindo assim que eles expressem suas ideias e explorem a capacidade criativa. Indiretamente, as crianças poderão estar desenvolvendo também a motricidade tanto por meio dos desenhos ou do recorte de figuras como também pela escrita, que pode ser realizada, como se pôde constatar durante as observações, por meio da cópia do título ou de alguma palavra importante da história e pela assinatura do nome. Por fim, acredito que as professoras também poderiam ter proposto mais exercícios relacionados ao reconto de histórias, pois a maioria das atividades ficaram mais circunscritas ao desenho e a pintura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve por objetivo geral analisar a importância da prática da contações de histórias como recurso lúdico e didático. Por intermédio das pesquisas bibliográficas e de campo, foi possível compreender melhor essa questão. Os artigos e obras que tratam sobre o tema mostram que o desenvolvimento da oralidade por meio da contação de histórias, por exemplo, auxilia o indivíduo na compreensão de situações da realidade, principalmente na primeira infância, pois durante essa fase as crianças tendem a ter mais facilidade de entender a linguagem simbólica do que a literal. Nesse sentido, a contação demonstra ser um bom recurso lúdico de ensino.

Além disso, a contação de histórias serve também como uma boa estratégia didática na medida em que permite que as crianças, vindas de famílias onde a leitura e a escrita são menos presentes, possam se inserir melhor no contexto escolar. Isso ocorre principalmente quando o professor busca trabalhar com contos e histórias da literatura popular e tradicional. Durante as observações *in loco* na escola, ficou claro o quanto os momentos de contação auxiliam os alunos na compreensão de temas relacionados ao cotidiano, na capacidade interpretativa e na comunicação. Em todas as observações feitas era nítido o interesse dos alunos por participar e se envolver nas atividades. Isso reflete a qualidade essencialmente lúdica e didática que a prática da contação de histórias é capaz de proporcionar.

Entre os objetivos específicos da pesquisa estava investigar como a contação pode ser inserida no cotidiano escolar, em especial no Ensino Infantil. Artigos que tratam dessa questão pontuam que em primeiro lugar deve ser levado em conta o planejamento prévio da aula. Essas atividades envolvendo a contação de histórias não devem apenas acontecer de modo esporádico, ou seja, elas precisam ser incluídas na rotina diária da escola. É interessante também criar uma conexão entre o tema principal do livro e as vivências, tanto dentro como fora da escola, pois antes de tudo essas atividades precisam estar munidas de sentido para que os ouvintes criem interesse e participem dos momentos de contação.

Nas observações feitas na escola, foi possível perceber o comprometimento de toda a comunidade escolar em proporcionar aos alunos atividades relacionadas à contação de histórias diariamente. E mais do que isso, as professoras, no geral, pareciam se empenhar no planejamento das aulas, pois elas conseguiam transpor a temática do livro para as experiências vividas pelas crianças e a condução da história sempre dava brecha para a participação dos alunos.

Em relação às técnicas utilizadas pelos professores e contadores de histórias, outro objetivo específico dessa pesquisa, foram encontradas muitas informações a respeito nos artigos lidos, e muito do que foi proposto nesses artigos pôde ser visto em sala de aula durante as observações. Em resumo, o professor deve levar em conta o ambiente onde a história será narrada, o público alvo, a participação dos alunos, a entonação da voz, os gestos e as expressões faciais, a postura corporal e a utilização de materiais de apoio (fantoques, vídeos, músicas, imagens e etc.).

Nas aulas observadas, foi possível perceber que as professoras conseguiram fazer uma boa seleção de obras voltadas ao interesse e as vivências cotidianas das crianças. As educadoras, em especial da sala amarela e laranja, usaram como estratégia, para aumentar o envolvimento dos alunos nas atividades, a elaboração de perguntas relacionadas à temática principal da história. Por isso, elas sempre buscavam fazer uma “pré-leitura” já indicando o que as crianças deveriam esperar da história.

A postura corporal, as expressões faciais, os gestos e a entonação da voz, também foram aspectos considerados pelas professoras. Recomenda-se que a postura corporal seja relaxada para que o contador possa transmitir naturalidade na utilização dos gestos. Em uma das pesquisas realizadas, foi sugerido também que a história seja contada de pé, para facilitar a ligação com os ouvintes por meio do contato visual. No entanto, em todas as salas observadas, as crianças estavam sentadas em roda no chão durante a contação, o que levou as professoras a se sentarem também para ficarem mais próxima delas. Ao contar a história, as docentes também procuraram adaptar a maneira de falar ou a entonação da voz para representar diferentes personagens, o que de certa forma facilitava a compreensão e tornava as atividades mais empolgantes.

Em relação aos materiais de apoio como fantoches, instrumentos musicais, figuras, entre outros, nessa escola todas as educadoras costumam utilizá-los, algumas mais outras menos. A música, por exemplo, esteve presente em quatro das observações feitas. As professoras recorriam ou a instrumentos musicais ou a cantigas de rodas, na maior parte das vezes. Isso funcionava como uma forma de preparar as crianças para o início da atividade. Por sua vez, as ilustrações contidas nos livros auxiliavam o momento da contação ao ajudar as crianças a imaginarem e compreenderem melhor a história. O uso de fantoches não foi presenciado em nenhuma das observações, no entanto, esse material costuma ser utilizado nas aulas de biblioteca.

A professora bibliotecária é a que mais parece dispor de recursos e materiais de apoio para as atividades de contação. Ela relatou que costuma reaproveitar tudo que a escola dispõe para montar o cenário das peças de teatro ou confeccionar fantoches. Essa maior disponibilidade de recursos se reflete diretamente na qualidade das aulas e nos momentos de contação, pois as crianças tendem a se interessar e cooperar mais durante a atividade.

No dia de observação da aula de biblioteca, essa professora recorreu a uma peça de teatro para narrar a história, o que demonstrou ser uma excelente tática de contação, pois permitiu que as crianças tivessem uma participação direta na atividade por meio da atuação. Essa técnica também auxilia na melhora dos padrões de linguagem ao dar mais espaço de fala aos alunos. O ato de recontar histórias também é uma excelente técnica para que as crianças aperfeiçoem a linguagem, mas que não foi presenciada nenhuma vez durante as observações. Somente a professora da sala laranja relatou utilizar-se dela em algumas aulas. As brincadeiras onde as crianças têm de interpretar ou criar as próprias histórias também é uma excelente prática de contação, mas pouco explorada, inclusive na escola observada.

O outro objetivo específico desta pesquisa era refletir como a contação de histórias pode ser um instrumento facilitador para a alfabetização. As pesquisas bibliográficas apontam que a arte de contar histórias, pode ser uma importante ferramenta durante a transição entre o Ensino Infantil e Fundamental por conta da capacidade de auxiliar na aquisição do código linguístico oral e escrito. A regularidade dos contos (começo, meio e fim), por exemplo, ajudam na compreensão textual por parte das crianças.

Além disso, essa exposição constante a contação de histórias possibilitam uma maior familiaridade com os grafemas e fonemas das palavras. Em suma, uma pessoa que gosta de ouvir histórias, possivelmente irá procurar contar ou ler as mesmas por conta própria. O mesmo ocorre com a escrita, pois alguém que gosta de contar as próprias histórias, provavelmente poderá vir a desenvolver um maior interesse pela escrita.

Isso pôde ser observado claramente em algumas das aulas presenciadas como, por exemplo, quando uma das crianças escolheu um livro para “ler”. Essa leitura, é claro, era feita por meio da interpretação das ilustrações contidas na obra. Outro exemplo é a facilidade que determinados alunos tiveram de reconhecer no livro certas palavras a partir da memorização de seus símbolos gráficos. Algumas professoras, inclusive incentivam os educandos a buscarem treinar a escrita por meio da cópia do nome ou do título das obras.

No entanto, é importante lembrar que uma criança que gosta de ouvir histórias não necessariamente tomará gosto pela leitura. Isso dependerá de inúmeros fatores, como a particularidade de cada sujeito. Mesmo assim, essas atividades ligadas à oralidade, como a contação, podem vir a incentivar, além de auxiliar o indivíduo na adaptação durante a fase de alfabetização, por conta dos inúmeros motivos já citados no presente trabalho.

PERSPECTIVAS PARA O FUTURO

Após concluir a graduação do curso de Pedagogia, na Universidade de Brasília, planejo atuar como docente da Secretaria da Educação do Distrito Federal. Pretendo, por enquanto, seguir estudando e me aprofundando para poder oferecer um trabalho cada vez melhor como professora.

Acredito que o ofício da docência exige um constante preparo e estudo, pois a cada nova experiência com uma turma diferente, por exemplo, o professor será desafiado a se adaptar aquela nova realidade e as demandas dos novos alunos. O professor deve procurar trazer com frequência novas dinâmicas e projetos para dentro de sala de aula com o intuito de aperfeiçoar a sua didática.

REFERÊNCIAS

- BRANDT, Ana Luisa; GUSTSACK, Felipe; FELDMANN, Juliana. **Reflexões sobre a contação de histórias: uma proposta para integrar oralidade, leitura e escrita.** Conjectura, Caxias do Sul, v. 14, n. 2, p. 169-185, maio/ago. 2009.
- Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil.** Secretaria de Educação Básica – Brasília: MEC, SEB, 2010.
- Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais gerais para a Educação Básica.** Secretaria de Educação Básica – Brasília: MEC, SEB, 2013.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC).** Brasília: MEC. 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso set. 2019.
- CANAL DO ENSINO. **Diretrizes Curriculares Nacionais: o que são e para que servem.** Disponível em: <<https://canaldoensino.com.br/blog/diretrizes-curriculares-nacionais-o-que-sao-e-para-que-servem>>. Acesso em: set. 2019.
- CHAER, Mirella Ribeiro; GUIMARÃES, Edite da Glória Amorim. **A importância da oralidade: educação infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental.** Centro Universitário de Pato de Minas, Pergaminho, (3):71-88, nov. 2012.
- CONSULIN, Nais Jaqueline Cordeiro. **CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: Quando a oralidade encanta.** Volume 1. Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE). Universidade Estadual de Londrina, Londrina-PR, 2013.
- GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades.** RAE, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. 1995.
- GOIS, Siane; LEAL, Telma Ferraz. **A oralidade na escola.** 1. ed. – São Paulo: Editora Autêntica, 2012
- KLEIMAN, Angela. **Trajetórias de acesso ao mundo da escrita: relevância das práticas não escolares de letramento para o letramento escolar.** Perspectiva, v. 8, nº 2, 375-400, jul/dez, 2010.

MATOS, Gislayne Avelar. **A palavra do contador de histórias**. 2. ed. – São Paulo: Editora WMF Martins, 2014.

PORTO, Ana Paula Teixeira; PORTO, Luana Teixeira. **Contação de histórias como estratégia pedagógica para desenvolvimento da competência discente de ler e interpretar**. Revista de Educação Dom Alberto, Santa Cruz do Sul, n. 1, v. 1, p. 115-129, jan./jul. 2012.

SANTHIAGO, Nayna da Silva. **Contribuições da contação de história no processo de ensino-aprendizagem com foco no ciclo de alfabetização**. Caderno de Produção Acadêmico-Científica. Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória-ES, v. 24, n. 1, p. 55-75, jan./jun. 2018.

SANTOS, Maria Gabriela da Silva; FARAGO, Alessandra Corrêa. **O desenvolvimento da oralidade das crianças na Educação Infantil**. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro-SP, 2 (1): 112-133, 2015.

SOARES, Magda. **Letramento e Alfabetização: as muitas facetas**. Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abril, 2004 p. 5-25

SOUZA, Linete Oliveira; BERNARDINO, Andreza Dalla. **A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental**. Revista de Educação Educere et Educare, Cascavel, Vol. 6 nº 12, p. 235-249, jul./dez. 2011

TORRES, Shirlei Milene; TETTAMANZY, Ana Lúcia Libertato. **Contação de história: resgate da memória e estímulo à imaginação**. Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas, Porto Alegre, 4 (1): 01-08, jan/jun 2008.